# CONVERGÊNCIA NOVEMBRO - 2001 - AND XXXVI - N. 347 ISSN 0010-8162

- Medellín e os Sinais dos Tempos
  - A Coragem do Futuro
- Seguimento de Jesus: caminho para a fraternidade e a comunhão trinitária
- A Co-responsabilidade do Leigo na Missão e Carisma dos Institutos Religiosos



#### **SUMARIO**

Ec	litorial	517
Palavra do Papa		520
Informe CRB		522
Artigos 532		532
	Medellín e os Sinais dos Tempos. Recuperar perspectivas de esperança a partir da realidade dos pobres	532
	A Coragem do Futuro	548
	Seguimento de Jesus: caminho para a fraternidade e a comunhão trinitária	559
	A Co-responsabilidade do Leigo na Missão e Carisma dos Institutos Religiosos – um novo capítulo nas relações entre religiosos e laicato CARLOS FREDERICO BARBOZA DE SOUZA	568

Capa: "A Samaritana", escultura em madeira de Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho), entre 1781 e 1783, no púlpito da epístola na Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo, em Sabará (MG). Foto de Marcelo Pinheiro.

#### ASSINATURA PARA 2001:

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



#### convergência

Revista Mensal da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB ISSN 0010-8162

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Pe. João Roque Rohr, SJ
REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO: Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial: Ir. Romi Auth, FSP Pe. Francisco Taborda, SJ

e. Francisco Taborda, SJ Pe. Jaldemir Vitório, SJ Pe. Cleto Caliman, SDB DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO: Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

Tel.: (0\*\*21) 240-7299 e-mail: crb006@ibm.net

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga 04216-000 • São Paulo • SP

Tel.: (0\*\*11) 6914-1922 e-mail: loyola@loyola.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73



## Um mutirão pela paz

<u>MARIA CARMELITA DE FREITAS, FJ</u>

A paz é uma aspiração profunda do ser humano, sempre buscada e sempre ameaçada. Há, porém, momentos históricos em que essa aspiração é como um imenso clamor que invade todas as esferas da vida pessoal e da comunidade humana.

Depois dos graves conflitos – mundiais ou localizados – de que foi cenário o século XX, e que deixaram uma dolorosa memória na consciência da humanidade, sobretudo do ocidente cristão, o século XXI começa sob o impacto de novas e drásticas convulsões mundiais, de alcance e efeitos imprevisíveis. Pareceria que a paz universal é uma *utopia* inatingível, um bem sempre fora do alcance da humanidade, um sonho nunca possível de se tornar realidade.

Os obstáculos a uma paz duradoura se avolumam e ganham, neste início de século e de milênio, perfis novos, rostos muito concretos e dimensões antes impensadas. As injustiças gritantes de uma globalização econômica concentradora e excludente, geradora de uma distância cada vez maior entre as minorias ricas e a maioria pobre e excluída; os graves atentados ao meio ambiente com suas conseqüências deletérias para a vida no planeta terra; as novas e avançadas tecnologias postas a serviço da guerra e do terrorismo internacional; a intolerância de cunho cultural, étnico, religioso ou político são alguns dos fatores que contribuem para fazer cada dia mais difícil e mais problemática a conquista da paz e a convivência harmoniosa entre povos e nações. A humanidade parece estar sempre mais aprisionada nas tramas de seu progresso, visto por alguns como ilimitado e sem fronteiras. Um progresso que beneficia apenas uma minoria, conseguido, muitas vezes, ao preço de incontáveis vidas humanas.

Diante dos rumos que a história humana vai tomando hoje, a consciência cristã se vê fortemente questionada pelos valores do Evangelho, e urgida a uma tomada de posição clara e destemida em favor da paz, daquela paz que, segundo o Papa João XXIII, é obra da justiça.

Para a Vida Religiosa o momento atual é de profundo repensamento de sua opções e de sua maneira de situar-se na sociedade. São muitos os interrogantes que pedem uma conversão radical. Até que ponto instituições, grupos e pessoas que nos autodenominamos seguidores de Jesus somos efetivamente "artífices da paz"? Até que ponto nossas decisões corporativas favorecem os interesses dos espoliados e excluídos, principais vítimas de uma sociedade na qual a paz é constantemente fragilizada e posta em perigo? Até que ponto as angústias e as esperanças da humanidade, na grave crise civilizacional deste começo do século XXI, estão de fato presentes no horizonte de nossos compromissos de missão e de vida? Que tipo de contribuição e de testemunho estamos chamados a dar nesta situação?

No dizer de João XXIII, "a paz permanece palavra vazia se não se funda na ordem baseada na verdade, construída segundo a justiça, alimentada e consumada na caridade, realizada sob os auspícios da liberdade." Ser "artífices da paz" no atual momento histórico requer, pois, uma corajosa decisão de romper profeticamente com tudo aquilo que impede a realização dessas condições básicas de uma convivência na paz para toda a família humana. A aspiração a um futuro mais condizente com os valores do Reino, com a causa da paz é, certamente, um dos sinais dos tempos mais pro-vocadores para o compromisso da Vida Religiosa e de toda a comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus. Consciente da gravidade desse momento histórico, a Vida Religiosa no Brasil quer somarse ao mutirão pela paz, no qual se unem hoje homens e mulheres de todas as raças e culturas, de todas as condições sociais e de todos os credos religiosos.

CONVERGÊNCIA deste mês oferece às comunidades textos capazes de suscitar a reflexão sobre a sua identidade/missão e de inspirar o compromisso na luta pela construção de uma sociedade mais justa e fraterna, anunciando e testemunhando na história o Reino definitivo de paz e justiça para todos.

O artigo — "Medellín e os sinais dos tempos. Recuperar perspectivas de esperança a partir da realidade dos pobres" — de Paulo Suess, é uma releitura do grande evento eclesial que foi Medellín e dos sinais dos tempos para os quais esse evento chamou a atenção da comunidade eclesial de então. O texto parte de uma visão crítica do contexto sócio-cultural e eclesial da época e analisa as principais lições políticas de Medellín, que apontam para os novos sinais dos tempos que desafiam a missão da Igreja hoje. O texto é rico, bem documentado e muito atual, situando-se no grande horizonte de reflexão da recente Assembléia Geral da CRB, cujo eixo articulador foi precisamente o tema Sinais dos tempos, tempo de sinais. No dizer do autor, "os sinais dos tempos são ganchos históricos e culturais da revelação num determinado tempo... A profética opção pelos pobres de Medellín, necessita de uma segunda opção pela plena participação dos pobres na reconstrução da sociedade e na reformação da Igreja".

"A coragem do futuro. A inserção da Vida Religiosa no pluralismo deste início de século" é o artigo sugestivo e questionador do **Pe. Marcelo Barros**. Nele, o autor, com sua notória competência e criatividade profética, lança uma provocação aos religiosos e religiosas de hoje: "Está na hora de reinventar a coragem e escutar o que o Espírito diz às Igrejas nesta nova época do mundo. Somos chamados à coragem do futuro." Entre os fatores que caracterizam o mundo de hoje, o autor destaca o pluralismo cultural e religioso; o aumento assustador da pobreza no mundo; a irrupção de organizações e movimentos alternativos que expressam a luta e a resistência dos excluídos. Partindo dessa caracterização do contexto mundial de hoje, o texto apresenta os principais desafios para a missão da Vida Religiosa e traça pistas muito concretas e inspiradoras para uma nova inserção no pluralismo deste início de século.

A teóloga **Vera Ivanise Bombonato**, no seu artigo — "Seguimento de Jesus: caminho para a fraternidade e a comunhão trinitária" — oferece às comunidades religiosas elementos para responder a algumas questões que "tocam o coração da Vida Religiosa e da sua missão profética numa sociedade tecnológica e globalizada." Após uma reflexão bíblico-teológica sobre a experiência filial de Jesus e de sua vida como lugar da manifestação do Espírito, o texto apresenta o seguimento de Jesus como um itinerário, ao longo do qual aprendemos a viver a experiência da filiação e da fraternidade, a nos deixar conduzir pelo Espírito até a meta da comunhão trinitária. No dizer da autora, o seguimento, assim entendido, nos faz viver "no gozo de um mundo novo e na indizível proximidade do mistério santo de comunhão das três pessoas divinas: Pai, Filho e Espírito Santo."

"A co-responsabilidade do leigo na missão e no carisma dos institutos religiosos. Um novo capítulo nas relações entre religiosos e laicato", de Carlos F. Barbosa de Souza – é um artigo de grande atualidade que responde a um dos marcos indicadores da CRB para o triênio 2001-2004. O texto faz uma breve retrospectiva histórica, traçando as grandes coordenadas da evolução pela qual passou a compreensão do lugar do leigo na Igreja. A partir dessa visão histórica, o autor indica algumas pistas, concretas e sugestivas, para a reflexão/ação da Igreja e, particularmente da Vida Religiosa nesse campo do diálogo e da co-responsabilidade com os leigos. Para o autor, o caminho a ser percorrido nessa direção é longo, mas importa começar a trilhá-lo. Trata-se de um caminho que produzirá abundantes frutos para toda a Igreja.



# Mensagem ao XV Encontro Internacional de Oração pela Paz promovido pela comunidade de Santo Egídio

É-me grato dirigir a minha cordial saudação aos ilustres Representantes das grandes Religiões mundiais, que este ano se reúnem em Barcelona para o XV Encontro Internacional de Oração pela Paz, com o tema: "As fronteiras do diálogo: religiões e civilizações do novo século".

Este encontro significa uma etapa importante, não só por ter chegado à sua XV edição, mas também porque com ele desejais realçar o modo de entrar neste novo tempo. Não só com os debates e as reflexões que se realizaram nestes dias, mas também com a vossa presença, manifestais ao mundo que é bom iniciar o século XXI não com discrepâncias mas com uma visão comum: o sonho da unidade da família humana.

Fiz meu este sonho quando, em outubro de 1986, convoquei em Assis os meus irmãos e os responsáveis das grandes Religiões mundiais para rezar pela paz: um ao lado do outro, e não um contra o outro. Com efeito, desejaria que todos, jovens e adultos, mulheres e homens, num mundo ainda dividido em dois blocos e condicionado pelo medo da guerra nuclear, se sentissem chamados a construir um futuro de paz e de prosperidade. Tinha diante dos meus olhos como que uma grande visão: todos os povos do mundo a caminho dos diversos pontos da terra para se reunirem perante o único Deus como uma só família. Naquela tarde memorável, na cidade natal de São Francisco, esse sonho tornou-se realidade: era a primeira vez que representantes de diversas religiões do mundo se encontravam juntos.

Passaram quinze anos desde aquela data. Aproveito esta ocasião para agradecer profundamente à Comunidade de Santo Egídio por ter prosseguido aquela iniciativa e continuado a propô-la com esperança, ano após ano, para que os esforços pela paz perseverem sem desânimos, mesmo perante as grandes adversidades. Estes dias são realizados num clima de fraternidade, que eu quis chamar o "espírito de Assis". Nestes anos cresceu uma amizade profunda que se expandiu em tantas partes do mundo e deu não poucos frutos de paz. Muitas personalidades religiosas uniram-

se aos primeiros que vieram, pela oração e pela reflexão. Assistiram também pessoas não crentes que, procurando honradamente a verdade, participaram com o diálogo nestes encontros, obtendo deles grande ajuda.

Dou graças a Deus, rico de misericórdia e de bênçãos, pelo caminho percorrido ao longo destes anos. Congratulo-me com todos vós por esta iniciativa. Os homens e as mulheres do mundo vêem como aprendestes a estar juntos e a rezar de acordo com a própria tradição religiosa, sem confusão e no respeito recíproco, mantendo cada qual íntegras e sólidas as próprias crenças. Numa sociedade na qual convivem pessoas de religião diversa, este encontro representa um sinal de paz. Todos podem verificar como, neste espírito, a paz entre os povos já não é uma utopia distante.

Por isso, ouso afirmar que estes encontros passaram a ser "um sinal dos tempos", como diria o Beato João XXIII, de venerada memória. Um sinal oportuno para o século XXI e para o terceiro milênio, caracterizados cada vez mais pelo pluralismo cultural e religioso, para que o seu futuro seja iluminado desde o início pelo diálogo fraterno e, desta forma, se abra ao encontro pacífico. Vós mostrais de maneira visível o modo de ultrapassar as fronteiras mais delicadas e urgentes do nosso tempo. Com efeito, o diálogo entre as diversas religiões, não só afasta "o espectro funesto das guerras de religião que já cobriram de sangue muitos períodos na história da humanidade" (*Novo millennio ineunte*, 55), mas estabelece sobretudo condições mais seguras para a paz. Todos nós, como crentes, temos um dever grave e ao mesmo tempo apaixonante, além de urgente: "O nome do único Deus deve tornar-se cada vez mais aquilo que é: um nome de paz, um imperativo de paz" (ibid.).

Reunistes-vos nessa cidade da Catalunha, a mim tão querida, que se abre sobre o Mediterrâneo e olha para horizontes mais amplos. Nesta ocasião, dirijo a minha fraterna saudação à Arquidiocese de Barcelona e ao seu benemérito Arcebispo, Cardeal Ricardo Maria Carles Gordó, por ter colaborado na realização deste Encontro. Envio de igual modo a minha respeitosa saudação à Generalitat da Catalunha e ao seu Presidente, ao Município de Barcelona e ao seu Presidente, que tornaram possível esta louvável iniciativa.

Juntos, queridos irmãos e irmãs, "far-nos-emos ao largo" em diálogo ecumênico. Que o terceiro milênio seja o da união à volta do único Senhor: Jesus Cristo. Não se pode tolerar mais o escândalo da divisão: é um "não" repetido ao amor de Deus. Demos voz à força do amor que Ele nos mostrou para termos a audácia de caminhar juntos.

Juntamente convosco, Representantes das grandes Religiões mundiais, devemos também "remar até ao largo" até ao grande oceano deste mundo a fim de ajudar todos a erguer o olhar e dirigi-lo para o Alto, para o único Deus e Pai de todos os povos da terra. Reconheceremos que as diferenças não nos levam ao conflito mas sim ao respeito, à colaboração leal e à edificação da paz. Todos devemos apostar no diálogo e no amor como únicas vias que nos permitem respeitar os direitos de cada um e enfrentar os grandes desafios do novo milênio.

Joannes Paulus n. #



#### 1. Bíblia em Comunidade

A Bíblia é fruto, antes de tudo, de um grande mutirão de mulheres e homens que durante muitos séculos contaram de geração em geração, as experiências de vida e fé no Deus que caminhava com eles. E, num segundo momento sentiram a necessidade de escrever essas experiências em pergaminhos que chegaram até nós. Foi um processo lento e progressivo que acompanhou a evolução da própria ciência. Ela passou da narrativa oral para a escrita, da escrita a mão num pergaminho para a impressão no papel, do papel ao CD Rom. Hoje temos uma grande facilidade de encontrar a Bíblia não só em línguas diferentes, como também nas diversas linguagens da comunicação: texto, cassete, vídeo, CD, CD Rom e outros.

Mesmo assim, a Bíblia continua sendo a grande desconhecida em muitos lares e comunidades cristãs. Muitos têm dificuldade de pegar a Bíblia em mãos, desmotivados talvez pelo pouco tempo, a correria da vida, o cansaço; outras vezes pela dificuldade de entender o que nela está escrito; ou ainda por achá-la um livro difícil, misterioso, que inspira medo.

Nota-se por outro lado, o despertar de um número significativo de pessoas, pela leitura e o estudo da Bíblia nas comunidades. Sem dúvida motivados também pelo projeto "Ser Igreja no Novo Milênio" que oferece subsídios e roteiros.

O Serviço de Animação Bíblica, departamento das Irmãs Paulinas, sensível às dificuldades que muitos cristãos vivem e o despertar de outros para o estudo progressivo e mais aprofundado da Bíblia, elaborou o Projeto Bíblia em Comunidade. Ele é oferecido em duas modalidades: uma em forma de livros e transparências de mapas e temas bíblicos para retroprojetor, com roteiros para o aprofundamento em comunidade e outra em forma de curso.

#### O projeto de curso, em que consiste?

O próprio nome *Bíblia em Comunidade* define a sua natureza. Trata-se de um *projeto* com uma duração maior do que apenas um curso de fim de semana, de 15 dias ou de um mês. Corresponde a uma média de 600 horas de estudo em grupo. O projeto traz uma proposta de formação *Bíblica* global, para ser realizada em *comunidade*. Muitas dificuldades acima acenadas são superadas quando este estudo é feito em comunidade. Com os subsídios ele pode ser feito em pequenos grupos de família, de quarteirão, ou mesmo nos grupos de estudo e reflexão bíblica que já existem nas comunidades.

#### Como é feito o estudo da Bíblia?

O estudo é feito em três níveis. O primeiro nível "Visão Global da Bíblia" começa pelo beabá do estudo da Bíblia. O significado do seu nome, como encontrar uma citação, a terra, o povo que viveu e registrou suas experiências de vida e fé. Depois passa a apresentar as grandes etapas da história do Povo Deus, a situação política, social, econômica e religiosa de cada época, os escritos bíblicos que foram surgindo como luz para iluminar a caminhada das comunidades de Israel em cada contexto.

Normalmente, quando alguém nos conta uma história que envolve lugares e pessoas conhecidas, o nosso interesse cresce, queremos saber até mesmo os detalhes, não é assim? Os personagens bíblicos, seu significado nós só podemos conhecêlos por aquilo que as narrativas bíblicas falam deles. É isso que o primeiro nível do Projeto Bíblia em Comunidade quer apresentar, uma *Visão Global da Bíblia* através dos personagens, lugares, fatos mais importantes e os escritos bíblicos que foram surgindo em cada período da História do Povo da Bíblia. São cerca de mil anos de história.

O segundo nível, *Teologias Bíblicas*, nasce do desejo de dialogar com os textos, com a comunidade que fez as experiências que são retratadas nos escritos. Nasce então a curiosidade de conhecer suas esperanças, seus sonhos, sua relação com Deus. Torna-se assim um compartilhar das vivências de ontem e hoje. Este segundo nível nos oferece condições para entendermos melhor os escritos bíblicos, sua mensagem, as diferentes visões e compreensões que o povo tinha de Deus nas diversas situações da sua caminhada.

Depois de uma introdução sobre os diferentes métodos de leitura bíblica, o estudo prossegue com o aprofundamento de textos significativos do Primeiro e Segundo Testamentos sobre as teologias: do êxodo, da aliança, da retribuição, sacerdotal, sapiencial, dos profetas, da presença, feminista, apocalíptica, dos evangelhos, paulina, rabínica e apócrifa.

Muitos, mesmo ao chegarem a um bom nível de conhecimento das Escrituras, continuam com a dificuldade de como ler e compreender adequadamente os diferentes gêneros e formas literárias que nela aparecem. Há diferentes construções

de um texto, ora em poesia ora em prosa. Uma é a compreensão das narrativas de milagre, outra da narrativa de parábola ou da alegoria e assim por diante. Como entender a mensagem que cada uma quer passar na forma que lhe é característica? Por que o autor escolheu esta forma e não outra? Tudo isso, nos ajuda a colher com maior segurança a mensagem que o autor quer passar para nós e não a que nós desejaríamos colher. Este nível ajuda-nos a estabelecer uma comunicação maior com o texto e sua mensagem. Amplia o nosso processo de conhecimento mediante uma leitura atenta das diferentes formas literárias.

#### O Serviço de Animação Bíblica

O *Projeto Bíblia em Comunidade* foi desenvolvido pela equipe do Serviço de Animação Bíblica (SAB), Paulinas. Os longos anos de experiência em cursos e produção de material nos mostrou que as pessoas buscavam algo mais do que um curso. Queriam um estudo progressivo e mais aprofundado das Escrituras. Para atender a estas necessidades, a equipe do SAB ampliou sua equipe convidando biblistas que hoje colaboram neste projeto. Ao mesmo tempo que o material é produzido, já é trabalhado pelos participantes do primeiro curso, que iniciou em fevereiro de 1999 e terminará em novembro de 2002. Suas observações são introduzidas no texto que é reformulado para melhor servir ao povo de Deus.

#### Características do curso e da coleção Bíblia em Comunidade

As propostas de formação bíblica nas comunidades, normalmente se restringem a alguns dias e/ou na forma de algumas horas de curso a partir de livros da Bíblia ou de temas bíblicos. O Projeto Bíblia em Comunidade também é dado na forma de um curso de longa duração. Segue uma sistemática progressiva, ordenada e comunitária na abordagem dos conteúdos dados no curso, a partir dos livros preparados dentro desta metodologia.

O modo de abordar os conteúdos pareceu-nos muito favorável para a compreensão da história do povo da Bíblia. Optamos por apresentar um fato similar da história do povo brasileiro, para depois aprofundarmos o fato do povo da Bíblia. Isso, a nosso ver, ajuda as pessoas a fazerem a relação entre o passado e o presente, a nossa experiência e a experiência deles, a nossa história e a história do povo da Bíblia e a percebermos que ambas histórias são histórias de vida e fé, são histórias sagradas.

A metodologia usada tanto no curso como nos livros é participativa. Os livros não são apenas textos de leitura, mas são um recurso pedagógico, que apresenta sugestões, roteiros para dinamizar o estudo e o aprofundamento para quem vai ministrar e fazer o curso.

A linguagem usada é simples, já conhecida pelas publicações populares lançadas pelo SAB. Mas o nível do conteúdo, sem minimizar a capacidade do povo, exige um mergulhar mais profundo no estudo, na reflexão individual e em grupo. Cada livro traz normalmente quatro sub-temas apresentados em quatro passos progres-

sivos no roteiro para o desenvolvimento do mesmo. Inicia-se o primeiro passo com uma *oração* que fica à criatividade do grupo. O segundo passo é o *mutirão da memória* sobre o que foi lido e estudado individualmente a partir do sub-tema em foco. Neste passo são esclarecidas dúvidas, partilhadas dificuldades e luzes que cada participante teve no decorrer do estudo. No terceiro passo, *partilha afetiva*, as pessoas são ajudadas por meio de algumas perguntas, a partilharem sua experiência em relação a Bíblia, ao estudo do tema em foco. No quarto e último passo, *sintonia com a Bíblia*, há a indicação de algumas citações relacionadas com o tema para serem lidas e trazidas para nossa realidade hoje.

#### A quem se destina o Projeto Bíblia em Comunidade?

A metodologia indicada no Projeto Bíblia em Comunidade prevê a possibilidade de um estudo individual, em família e em comunidade. Neste sentido o Projeto destina-se a todas as pessoas que desejam estudar e aprofundar a Bíblia. Mas, ele foi pensado e projetado, preferencialmente para ser feito em comunidade e para as pessoas que se dispõem a fazer a experiência oferecida pelo curso e a trabalhar na comunidade com grupos de estudo e reflexão bíblica. Durante o curso ministrado no SAB, as pessoas são convidadas, ajudadas e acompanhadas na elaboração e execução do seu mini-projeto de formação bíblica, dado na realidade escolhida por elas.

#### Como ter acesso ao projeto Bíblia em Comunidade?

O Projeto se desenvolve em duas vertentes já apresentadas, na produção de subsídios e na forma de curso. Estão prontos os 15 livros e as 42 transparências de mapas e temas bíblicos para retroprojetor, correspondendo ao Primeiro Nível do Projeto, *Visão Global da Bíblia*. Os cinco primeiros livros e as Transparências já se encontram nas Paulinas Livrarias.

Os livros são de formato pequeno, acessíveis na linguagem e nos custos. Trazem ilustrações que ajudam na compreensão do conteúdo e 42 mapas também em transparências coloridas com um roteiro explicativo. Estes podem ser adquiridos independentemente dos livros. Todo este material foi testado e trabalhado na base.

O curso está sendo dado na sede do SAB de forma extensiva, ou seja, durante quatro anos, nos meses de fevereiro a junho e de agosto a novembro, em dois dias por mês, num fim de semana. O primeiro grupo estará concluindo o quarto ano consecutivo em novembro de 2002. A experiência, embora seja muito exigente, promete dar muitos frutos para o crescimento do Reino.

Ir. Romi Auth, fsp
Serviço de Animação Bíblica - SAB.
Rua Jaunária, 552 - Floresta
31110-060 - Belo Horizonte - MG
E-mail: fspsab@gold.com.br

## 2. Década para superar a violência

2001-2010

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI), na 8ª Assembléia Geral, em Harare, África, decidiu conclamar, em nível mundial, as Igrejas a realizar uma **DÉCADA PARA SUPERAR A VIOLÊNCIA** nos anos 2001 a 2010. Essa iniciativa integra o movimento lançado pela UNESCO, a "Década Internacional de uma cultura de paz e não-vio-lência para as crianças do mundo", também a ser realizada nos mesmos anos.

O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) e o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), juntamente com outras organizações, como parceiras, resolveram assumir esta campanha mundial e promovê-la no contexto brasileiro. É a continuação do tema "DIGNIDADE HUMANA E PAZ" lançado pela Campanha da Fraternidade 2000 Ecumênica.

No CONIC, a Década foi assumida na IX Assembléia Geral, realizada em Brasília, nos dias 13 e 14 de novembro de 2000, enquanto o CLAI fez o lançamento latino-americano na sua Assembléia Geral, realizada em Barranquilla, Colômbia, entre os dias 10 e 19 de janeiro de 2001.

No decorrer dos anos a Comissão Ecumênica no Brasil e o Comitê de Programas do CMI acompanharão atentamente o processo para que os objetivos e métodos se concretizem.

#### **Objetivos**

A campanha da **DÉCADA PARA SUPERAR A VIOLÊNCA**, no Brasil, tem como objetivo colocar a preocupação e o esforço de superar a violência e de promover a Dignidade Humana e a Paz no centro da vida e do testemunho das Igrejas, organismos ecumênicos, redes, organizações não governamentais, movimentos sociais-populares, de modo a construir uma cultura da Paz.

Para isso:

- fazer frente, com enfoque global, às diferentes formas de violência, tanto direta como estrutural, nos lares, nas comunidades e nas esferas nacional e aprender, com as análises locais, regionais e nacionais, formas de superação da violência;
- instar as Igrejas para que superem o espírito, a lógica e a prática da violência. Isso exigirá renúncia à justificação teológica da violência e a reafirmação de uma espiritualidade que valorize a reconciliação;
- denunciar todas as formas de violência principalmente a violência política, econômica e religiosa, atuando junto a organismos internacionais para que adotem medidas para superar essas formas de violência;
- aprofundar o conceito de segurança, nos níveis pessoal, local, regional, nacional, trocando a perspectiva de dominação e rivalidade pela de cooperação e solidariedade;

CONVERGÊNCIA

- reconhecer nas outras religiões sua contribuição para a construção da paz e aprender com elas, colaborando assim com outras comunidades. Alertar as igrejas, organismos ecumênicos e outras entidades sobre o mau uso da identidade religiosa e étnica, num mundo pluralista;
- opor-se à militarização e em especial à proliferação de armas rápidas (leves)
   "eficientes" de grande e pequeno porte.

A campanha **DÉCADA PARA SUPERAR A VIOLÊNCIA** exorta a todos a:

- não tolerar mais nenhum tipo de violência;
- ter a sinceridade de perguntar-se até que ponto as próprias palavras e ações contribuem para potencializar a violência;
  - denunciar todas as formas de violência;
  - defender as vítimas da violência;
- trabalhar para que nas igrejas, congregações, movimentos e grupos haja uma convivência isenta de violência entre as pessoas;
  - experimentar métodos e soluções não violentos para os conflitos;
- trabalhar em uníssono em favor de um mundo de paz, com as comunidades locais, os movimentos leigos e os crentes de outras religiões.

#### Proposta Básica

#### A DÉCADA PARA SUPERAR A VIOLÊNCIA buscará:

- elaborar estratégias de colaboração entre as igrejas com vistas à criação de uma cultura da não violência;
- estabelecer uma relação de intercâmbio e troca com outros interlocutores e organizações, adotando novos enfoques para a mediação dos conflitos no atual contexto sócio-político e econômico;
- fomentar a solidariedade com as regiões e setores empobrecidos e penalizados pelas conseqüências do sistema econômico vigente;
- colaborar com a comunidade nacional (instituições e pessoas) que estão contribuindo para a cultura da não violência e construção da Paz;
- estimular as atuais experiências positivas de igrejas, organismos ecumênicos, redes, ONG's, movimentos e grupos que estão se esforçando para superar a violência;
- facilitar com base na experiência e no trabalho das igrejas locais e em experiências comunitárias, o intercâmbio entre igrejas, grupos e instituições, tornando conhecidas as experiências de construção e manutenção da Paz e a prevenção da violência local;
- incluir sempre as igrejas membros do CMI, do CONIC e do CLAI, mas também as igrejas não membros, os organismos ecumênicos, as ONG's, os movimentos organizados pela população local e pela sociedade civil, nos esforços combinados para a superação das diversas formas de violências e de trabalhos pela Paz;

CONVERGENCIA

- relacionar os trabalhos, programas e estruturas com os da "Década das Nações Unidas para uma cultura de Paz e não violência no mundo (2001-2010)", bem como a todas as campanhas que promovam a "Dignidade Humana e a Paz".

O que fazer concretamente no cotidiano das nossas comunidades?

- Igrejas são lugares privilegiados onde se trabalha a formação de mentes, corações, consciências. Cabe avaliar o que cada comunidade está fazendo para educar para os Direitos Humanos, a paz, a solidariedade, a justiça, o diálogo. Que espaço esses objetivos têm na educação religiosa de jovens, crianças e adultos? Como isso aparece nas nossas pregações, no material escrito que divulgamos, nos subsídios que colocamos a disposição da comunidade?

#### Educação para a Paz

- Sabemos que a paz é fruto da justiça. E a garantia da vida e da dignidade.de todas as mulheres e homens é a pedra angular da paz. Por isso, a superação de todas as formas de injustiça é uma obrigação ética que envolve a humanidade inteira. Esse é um dos aspectos mais centrais da missão dos seguidores de Jesus Cristo: testemunhar e viver o amor fraterno. Para nós, cristãos, todos os que têm sua dignidade ameaçada, ferida e negada são como o assaltado e abandonado na beira do caminho, daquela bela parábola de Jesus (cf. Lc 10,25-37; cf. Mc 11,15-19). Para amar a Deus e herdar a vida eterna só temos uma alternativa: tornar-nos o próximo de todos, especialmente, das vítimas de todas as formas de ladrões da vida e da dignidade humana.
- Afirmar a dignidade da vida como centro da vida social significa também repensar a relação com os demais seres vivos e com a natureza como meio ambiente, como mãe pródiga da vida, retomar a experiência de que ela é viva, fonte de vida, condição de vida. Por isso, é inaceitável a redução da terra e de tudo o que ela tem a objeto dos desejos de alguns indivíduos, que se assenhoram como proprietários vorazes e absolutos dos espaços, da terra, da água, do ar, do mar, das praias, dos rios, das montanhas, das florestas.
- É por isso tudo que educação para a paz é uma das prioridades para a conquista e construção de uma sociedade assentada e centrada na vida digna de cada pessoa e na convivência solidária entre as pessoas. Conquistar e apaixonar as pessoas para um caminho alternativo, em que o valor da vida de, cada um e de todos seja o ponto de referência das decisões, é um trabalho, desafiante e difícil, de persuasão, pois precisa chegar à consciência, às convicções. E nesta batalha só consegue perseverar quem está convencido de que, contra toda desesperança, é perfeitamente possível chegar até lá. Na verdade, já temos todas as condições para que exista esta sociedade em que as pessoas convivam fraterna e solidariamente na paz e sejam felizes. Basta colocar a serviço de todos o saber acumulado, os conhecimentos, as tecnologias, os bens e os recursos já

produzidos por toda a humanidade em sua longa história, com uma maior dose de solidariedade, justiça e amor.

– As Igrejas Cristãs têm uma grande responsabilidade nesta tarefa histórica de educar para superar a violência e para a paz, pois são portadoras do Evangelho de Jesus, que é Evangelho da liberdade, do amor e da paz. Elas têm a missão de testemunhar juntas, no exemplo entre elas de respeito, entre ajuda e paz, Jesus Cristo, para quem o outro, desconhecido e caído nas diferentes beiras dos caminhos, é o próximo que abre a porta para o verdadeiro amor a Deus (Lc 10,29-37); para quem a pessoa amada vale até mesmo a doação da própria vida (Jo 15,13). E além disso, as Igrejas são reveladoras da presença do Reino no meio de nós e, ao mesmo tempo, do convite permanente para novos passos em direção ao Reino de Deus, que é Reino de verdade e justiça, de amor e paz, que pode avançar sempre na terra, pois seu limite – sem limites – é a perfeição da Trindade.

Desta forma o CONIC, o CLAI, os organismos ecumênicos parceiros, convocam todas as denominações cristãs, ONGs, redes, movimentos, grupos e todas as pessoas de boa vontade a se unirem nessa **DÉCADA PARA SUPERAR A VIOLÊNCIA** na promoção da **DIGNIDADE HUMANA** e no resgate do profetismo bíblico: "A JUSTIÇA PRODUZIRÁ A PAZ" (Is 32,17).

## 3. Segunda Semana

## Brasileira de Catequese

#### COM ADULTOS, CATEQUESE ADULTA

#### O que queremos com esta 2ª SBC?

Com o tema: "Com Adultos, Catequese Adulta" e o Lema: "Crescer rumo à maturidade em Cristo", a dimensão Bíblico-Catequética da CNBB lança aos responsáveis pela ação evangelizadora e catequética da Igreja no Brasil, o apelo a trilharem os caminhos dos adultos, auscultando suas aspirações, alegrias e dores, seus sonhos, esperanças e interrogações.

# CONVERGÊNCIA )

#### O atual contexto desafia a fé dos adultos

O mundo está mudando. É fundamental saber onde mudou e o quanto esta mudança está afetando a vida das pessoas. Globalização, tecnologias, competitividade, emergência da subjetividade, busca do sagrado, relativização de valores, falta de referenciais, tudo isso está transformando o modo do adulto pensar e agir, de se relacionar com Deus, com os seus semelhantes, consigo mesmo e com a própria natureza.

O atual contexto sócio-eclesial nos impele a fazer uma profunda reflexão sobre a importância e a urgência de uma Catequese com Adultos. Interrogações e incertezas são as palavras que estão permeando o dia-a-dia do homem e da mulher. Como conviver com essas novas realidades e mudanças que geram crises na maneira de conceber e de viver a própria fé? Como buscar linhas de ação para um convívio mais fraterno e mais humano a partir da identidade cristã e da pertença eclesial?

#### Dar um passo a mais na trilha da Catequese Renovada

A 1ª Semana Brasileira de Catequese, em 1986, teve o mérito de abrir caminhos, tornando a catequese mais conhecida e levando à prática a proposta do Documento Catequese Renovada em seus pontos fundamentais: A comunidade catequizadora, o método de interação fé-vida, o perfil do Novo Catequista e a priorização de catequese com adultos. Alguns destes aspectos foram amplamente assumidos, mas o alvo das maiores atenções da catequese continuou sendo as crianças e adolescentes.

A educação da fé não se dirige só a crianças e jovens. Logo, faz-se necessário buscar caminhos para o crescimento do povo de Deus, de forma mais sistemática e processual, contemplando todas as fases da vida. Neste sentido, a 2ª SBC quer dar um passo a mais, retomando o grande enfoque do Catequese Renovada, que são os Adultos, pois, na verdade, eles não chegaram a constituir-se numa prioridade nos planos de ação pastoral e catequética de todas as Dioceses conforme recomenda este Documento.

#### O diversificado perfil religioso dos nosso adultos

Olhando a realidade das comunidades, constatamos a chegada à Igreja de um crescente número de adultos não batizados; de adultos batizados que não fizeram Primeira Comunhão nem Crisma e de adultos que passaram pelos Sacramentos de Iniciação, mas sentem que precisam ser reiniciados na fé. Há também aqueles que retornam de outras Igrejas. Outros receberam uma boa iniciação, mas desejam conhecer com mais profundidade os fundamentos da fé cristã.

O texto de Estudos da CNBB, nº 80, elaborado em vista da preparação da 2ª SBC, intitulado: "COM ADULTOS, CATEQUESE ADULTA" levanta alguns questionamentos neste sentido: numa Igreja, em que muitos batizados, nem sequer receberam o primeiro anúncio, devemos primar pela catequese ou pelo anúncio missionário? Com adultos já iniciados, caminhando para a maturidade na fé, o que a Igreja deve oferecer?

Estas e outras situações vão exigir por parte da Igreja, respostas diversificadas que contemplem e integrem um processo de iniciação e formação permanente, que possibilitem aos adultos uma adesão consciente e coerente ao Senhor e à sua Igreja. Mediante o seguimento de Jesus, o cristão faça seu caminho de descoberta e vivencie a altitude e profundeza do mistério de Cristo, que supera todo o entendimento( Ef 3,18-19).

#### Em busca de caminhos para uma catequese com adultos

A catequese deve favorecer o despertar da conversão, estimular o amadurecimento das atitudes próprias da vida cristã, aprofundar o conhecimento do mistério e da mensagem de Cristo. Daí surge a necessidade de um itinerário de iniciação e formação permanente que leve a uma opção de fé, à construção de um projeto da vida inspirado na fé, tornando-os capazes de atitudes cristãs que traduzam na prática o ideal de vida, segundo o Evangelho, mediante uma participação ativa e consciente na Igreja e na sociedade.

#### Alguns desafios que despontam para a nossa ação pastoral e evangelizadora:

Conhecer a situação real dos adultos presentes e/ou distantes das comunidades, escutá-los, descobrir seus anseios, suas necessidades, saber das suas razões, suas buscas e motivações;

Despertar e preparar catequistas ou educadores da fé com maturidade e competência para se dedicarem à formação dos adultos;

Criar em nossas paróquias, comunidades fraternas, acolhedoras, abertas ao diálogo e à comunhão com a diversidade existente em seu próprio meio e capazes de acompanhar os adultos no seu itinerário de fé;

Elaborar subsídios que respondam às exigências de uma Catequese Adulta e ao diversificado perfil religioso dos adultos;

Realizar uma catequese a partir dos desafios e problemas do cotidiano que responda às interrogações e aos anseios dos adultos e os leve a um processo de conversão e de amadurecimento na fé:

Descobrir uma metodologia adequada a uma Catequese com Adultos, que os considere sujeitos e parceiros do catequista no processo de educação da fé.

Precisamos ser ousados e sonhar grande. Mas o sonho só vai se transformar em realidade à medida que formos capazes de forjar cristãos adultos amadurecidos na fé, conscientes de suas responsabilidades como cidadãos da Igreja e do mundo, decididos a construir novas relações na família, no ambiente de trabalho, na política, na economia. Homens e mulheres novos, sonhadores e construtores de um mundo de irmãos, que acolham em seu coração as alegrias e as dores do mundo e que ajudem a transformar pela força do evangelho a realidade na perspectiva do Reino de Deus.

# Medellín e os Sinais dos Tempos

#### Recuperar perspectivas de esperanca a partir da realidade dos pobres

PAULO SUESS

Desde a Carta Encíclica Pacem in terris, de João XXIII, o termo "sinais dos tempos" aponta para uma escuta atenta da voz de Deus na realidade histórica. A "escuta da voz de Deus na história" é uma metáfora para uma nova consciência histórica no interior da Igreja. A "voz de Deus na história" está vinculada à representação de Deus no mundo. Na tradição judaico-cristã, Deus não é representado por imagens. Na pregação de Jesus de Nazaré, os "representantes" de Deus no mundo e os herdeiros de seu Reino são os que se encontram famintos e doentes, os semroupa e sem-liberdade (Mt 25,34ss). Neles Deus deixou de ser o "todo-poderoso" e se fez amigo, servo sofredor e irmão.

João XXIII identificava com os "sinais dos tempos" de sua Carta Encíclica Pacem in terris (1963) grandes causas emancipatórias da humanidade: a emancipação da classe trabalhadora, da mulher e dos povos colonizados. "Sinais dos tempos" não

são sinais repetitivos do tempo circular da natureza - diferentes qualidades de nuvens vermelhas que diferenciam a vinda do "tempo bom" da "tempes-

tade" (Mt 16,3) -, mas kairós de cada época. São tempo histórico cuja consciência está estreitamente vinculada à irrupção da modernidade. A Encíclica aponta para a questão de classe, para a questão do gênero e para a questão nacional (PT 94). Medellín se insere nesta leitura contextualizada dos "sinais dos tempos". Da leitura nasce o "compromisso com a realidade humana" (Liturgia I.4). "Medellín e os sinais dos tempos"1 procura lembrar o olhar do magistério latino-americano para as grandes causas de 1968, nas guais se entrelacam os extremos do século. vencedores e vencidos, conquistas da modernidade e perdas em forma de miséria e desequilíbrio social.











Este artigo é uma versão nova da palestra proferida durante a Semana Teológica da Faculdade Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, em setembro de 1998. Neste texto Medellín pode significar "Conclusões de Medellín", mas também o evento como tal ou os delegados da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano Bogotá, 24.8.; Medellín, 26.8. a 5.9.1968). - Os textos das quatro Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (Rio de Janeiro, 1955; Medellín, 1968; Puebla, 1979; Santo Domingo, 1992) foram publicados pelo Celam, Bogotá, 1994.

# CONVERGENCIA

#### 1. SIGNIFICADO E RECEPÇÃO

Fazer Teologia significa construir um discurso crítico a partir dos vestígios de Deus no deserto de contextos e textos. Vestígios em desertos são fugazes. Onde estava ou está o logotipo divino, os teologos, no contexto ao qual os textos das Conclusões de Medellín procuravam responder? Na condição humana ninguém vê Deus face a face. Depois de sua passagem como peregrino o encontramos 🤄 palavras e sinais. Na memoria podemos atualizar os sinaj de sua presenca<sup>2</sup>. "Não ardello nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho (Lc24,32)?" Os "sinais" como as "palavras" são reflexos da fugacidade do evento e da fragmentariedade de sua reprodução. Ninquém segura a mão de Deus ou reproduz a sua passagem. Aprendemos da hermenêutica que na explicação de textos nunca temos a ultima palavra; que o dito aponta para o não-dito e o sinal não esqota o assinalado. A tradição cristã - em contraposição ao tradicionalismo – tem sua porta aberta para a história. Face ao mimetismo legalista e à imitação fundamentalista, Jesus propõe o seguimento histórico.

O paradigma "sinais dos tempos" aponta para a continuidade da revelação de Deus. A revelação acompanha a evolução histórica. Os "sinais dos tempos" são ganchos históricos e culturais da revelação num determinado tempo. Ela nos é credenciada em vasos de barro, à nossa

medida, parcial portanto. A continuidade da revelação de Deus através dos "sinais dos tempos" que stigna um certo positivismo da revelação que estaria fechada com a morte do último apóstolo. Numa exposição infrodutória da Conferência de Medellír, no dia 28 de agosto de 1968, Eduardo Pironio³ falou aos delegados sobre a "Interpretação cristã dos sinais dos tempos hoje na América Latina". No texto, que se tornou um referencial teológico para toda a Conferência, Pironio afirma:

"A partir da Encarnação de Cristo todo momento histórico é momento de salvação. (...) Constituído pelo Pai em 'Senhor e Messias' (At 2,36), Cristo preside agora a história dando conteúdo salvífico aos tempos que o seguem."

O "princípio encarnatório" de Medellín, que tem sua matriz no Vaticano II (GS 22, LG 13, AG 3 e 22), acompanha todos os pronunciamentos posteriores do magistério latino-americano. Em Puebla (1979) será parafraseado como "assunção da realidade" (DP 201, 400, 469) e em Santo Domingo (1992) como "imperativo da inculturação" (DSD 13, 243). Os "sinais dos tempos" são revelação de Deus encarnada no tempo histórico. Uma revelação encarnada exige, por sua vez, uma Igreja encarnada – inculturada, dizemos hoje – nos contextos sócio-culturais e históricos. Somente uma Igreja inculturada po-

<sup>2.</sup> No grego significa  $\lambda\eta\theta\eta$  esquecimento (Rio Letes!)  $\alpha\lambda\eta\theta\epsilon$  i  $\alpha$  verdade, o que nos permite compreender a "verdade" como "não-esquecimento" e memória.

<sup>3.</sup> Na época, E. Pironio era bispo auxiliar de La Plata, Argentina, Secretário Geral do Celam e da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.

<sup>4.</sup> PIRONIO, Eduardo. Interpretación cristiana de los signos de los tiempos hoy en America Latina. ln: SEGUNDA CONFERENCIA GENERAL DEL CELAM. La Iglesia en la actual transformación de América Latina a luz del Concilio. 5ª ed, tomo 1, Ponencias, pp. 101-121.

CONVERGÊNCIA )

de "receber" – escutar e interpretar – essa revelação. Os "sinais", dos quais João XXIII falava em sua Encíclica, a questão de classe, do genero e da emancipação nacional, foram prime iramente decodificados pelo "mundo" e não pela Igreja, o que aponta para a sua prese. Ca precária no mundo.

Os "sinais dos tempos" podemos (compreendê-los como uma manifestação do Espírito num determinado kairós. Os "sinais dos tempos" indicam que o "mundo", de onde emergem, faz parte do Reino e que o Reino é maior que a Igreja. Seu caráter profético exige distância do poder e dos poderosos. Por sua distância do poder, os oprimidos são os primeiros que percebem e acolhem os "sinais dos tempos", sinais de transformação e sinais em transformação. Os "sinais dos tempos" são pistas para o sempre novo Pentecostes que resiste à domesticação, às modas e à tranquilização oficial. Não devem ser confundidos com outros sinais, com o "espírito da época" ou com aquilo que é cultural ou politicamente correto. Os "sinais dos tempos" são mensagens que navegam contra o vento. Peixe morto é que desce o rio. Peixe vivo sobe as cachoeiras.

Decodificar essas mensagens do Espírito não é fácil. Podemos ser todos cidadãos de Atenas e contemporâneos de Platão, mas uns são escravos e outros senhores. E os senhores não enxergam aquilo que os escravos vêem. Podemos ser todos brasileiros, católicos e alfabetizados, gostar de futebol e carnaval, mas fazemos leituras diferentes dos "sinais dos tempos". Sinais são polissêmicos. A nossa leitura é influenciada pela interpelação do lugar

a casa, onde moramos, com a cadeira onde estamos sentados e com a mesa, onde comemos. Os sinais de Deus no tempo questionam a "última palavra" de zelotas e de fundamentalistas que se apropriam da palavra de Deus fora do tempo e contexto. Medellín procurou decifrar os "sinais dos tempos" a partir dos sujeitos preferenciais de Deus. É a leitura a partir daqueles que são considerados estéreis e desnecessários, noveue não produzem nem reproduzem para o sistema vigente. Estes agentes de transformação ameaçam a continuidade do sistema. Por interferir no projeto de vida de cada pessoa, os 'sinais dos tempos" não criam unanimidade de compreensão ou ação. Também em Medellín houve di-

onde nos movemos. Pensamos sempre com

do Concílio.

O Vaticano II assumiu a bandeira dos "sinais dos tempos" da *Pacem in Terris*<sup>5</sup>. Nas *Conclusões de Medellín*, sete dos 16 documentos fazem alusão aos "sinais dos tempos" que materialmente lembram os novos valores da juventude, a nova cultura da imagem e o novo sujeito com suas funções nas Comunidades Cristãs de Base<sup>6</sup>. Nos outros textos prevalece a atenção formal aos "sinais dos tempos" que garantem a

inserção da Igreja no tempo e na história.

Na atual fase de transição, a evangelização

deve estar em relação com os sinais dos tempos", enfatiza o documento da *Pastoral* 

vergências na leitura da realidade latino-

americana e na sua interpretação à luz

das elites (11/13). "Não pode ser a-temporal ou a-histórica. Os 'sinais dos tempos', que em nosso Continente se manifestam sobretudo no campo social, constituem um lugar teológico' e interpelações de Deus".

<sup>5.</sup> Cf. DH 15, GS 4 e 11, AG 15, AA 14, PO 9.

<sup>6.</sup> Cf. Juventude III/13, Catequese, 111/12, Pastoral de conjunto III/11.

A atenção formal aos "sinais dos tempos" significa, sobretudo, "discernimento" dos respectivos agentes pastorais (leigos, presbíteros, seminaristas).<sup>7</sup>

A recepção do termo "sinais dos tempos" não significa necessariamente que os "sinais dos tempos" também foram assumidos na prática de uma pastoral missionária. O compromisso com a realidade, que as *Conclusões de Medellín* sublinham, não significa que à "hora da palavra" corresponda uma visão correta da realidade, capaz de preparar a "hora da ação"<sup>8</sup>. Para confrontar a "palavra" com os "acontecimentos", reconstruímos o contexto histórico através de uma sinopse cronológica sucinta de fatos políticos e eclesiais marcantes da época.

#### 2. SINOPSE CRONOLÓGICA

Os "sinais dos tempos" nos remetem à leitura de um contexto que ultrapassa as fronteiras eclesiais. Como situar um evento continental, eclesial e episcopal de Medellín no contexto de 1968? Os acontecimentos de 1968 atravessaram as instituições, como a Igreja9, e o mundo como um todo: o Primeiro Mundo do capitalismo ocidental, o Segundo Mundo dos países comunistas e o Terceiro Mundo da Ásia, África e América Latina, segundo a divisão do mapa mundi na época da Guerra Fria<sup>10</sup>. Os protestos de 1968 aconteceram simultaneamente em Paris e São Paulo, na Tcheco-Eslováquia ("Primavera de Praga") e no Peru; o despertar de 1968 atinge Vietnã e Estados Unidos, China ("Revolução Cultural") e Nigéria (Biafra).

#### Janeiro

- Lançamento da Semana de Protesto contra a censura, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro, com manifesto assinado por 500 artistas.
- 19. D. Avelar Brandão, arcebispo de Teresina, vice-presidente da CNBB e presidente do Celam, se encontra com o presidente da República, Costa e Silva, ao qual entrega seis exemplares da *Populorum progressio* (26.3.1967).
- 21. Um avião americano carregado de bombas nucleares cai a 11 km na Groelândia (Dinamarca). Quatro bombas se perdem e são encontradas depois de buscas exaustivas.
- 30. No Vietnã do Sul, o Vietcong inicia a ofensiva do Tet (o Ano Novo chinês), dando início à derrocada dos Estados Unidos.

<sup>7.</sup> Cf. Movimentos de leigos III/13, Sacerdotes IV/28, Formação do clero III/26.

Introdução às Conclusões. Presença da Igreja na atual transformação da América Latina, n. 3. Todos os Documentos de Medellín (DM) são citados pela 5ª ed. da Ed. Vozes, Petrópolis, 1973.

<sup>9.</sup> Na cronologia, que segue, o noticiário eclesiástico será destacado através de um recuo.

<sup>10.</sup> Cf. HOBSBAWM, Eric. Maio 68. O ano em que os profetas falharam. F.d.S.P. (10.5.1998) caderno Mais, p. 4s. – Cf. tb. <a href="http://www.iomaldobrasil.com.br/memoria">http://www.iomaldobrasil.com.br/memoria</a>, as respectivas edições de 1968 da F.d.S.P., VENTURA, Zuenir. 1968. O ano que não terminou. 33ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira,1998, e DUSSEL, Enrique. De Medellín a Puebla. Una década de sangre y esperanza. 1968/1979. México, Edicol, 1979, p. 83-157.

#### Março

Em 1967, o ministro do Interior, general Albuquerque Lima, pediu ao procurador-geral da República, Jader Figueiredo, para investigar as acusações de corrupção contra funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Segunda a declaração de Albuquerque Lima, em março de 1968, a investigação revelou "provas de ampla corrupção e sadismo, inclusive o massacre de tribos inteiras a dinamite, metralhadoras e açúcar misturado com arsênico".

18. Operários poloneses de Nowa Hu-

 Operários poloneses de Nowa Huta fazem greve em solidariedade aos estudantes de Cracóvia.

28. Assassinato no Rio de Janeiro do estudante secundarista, de 16 anos, Edson Luís de Lima pelos militares a cujo enterro compareceram mais de 50 mil pessoas, protestando contra a arbitrariedade.<sup>11</sup>

#### Abril

Em abril, o Departamento de Missões do Celam, sob seu presidente Gerardo Valencia Cano, organizou em Melgar (Colômbia) um Primeiro Encontro de Peritos de Missão. Entre os missionários, bispos e assessores que reuniu, ao todo 60 pessoas, não havia representantes do Brasil. O encontro trabalhou o Decreto Ad gentes à luz da realidade latino-americana. Medellín não tomou conhecimento do Documento de Melgar<sup>12</sup>.

1. Nas principais cidades do país estudantes protestam contra o golpe militar de 1964.

- 4. Assassinato de Martin Luther King.
- Violentas manifestações estudantis em Berlim.
  - 15. Primavera de Praga.
- 16. Greve de metalúrgicos em Contagem, Minas Gerais. 15 mil operários permanecem durante nove dias parados.

21. Mais de 20 mil fiéis foram à Catedral de São Paulo para ver a imagem de Nossa Senhora de Fátima. A presença de militares foi constante. Havia, além da banda, 230 homens da Guarda Civil; 4 mil homens da Força Pública. Quatro tanques leves do 2º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, conhecido como batalhão Anhangüera, seguiram logo atrás da imagem, no cortejo desde o aeroporto até a catedral da Sé (F.d.S.P., 22.4.68).

#### Maio

- Cohn-Bendit organiza uma jornada anti-imperialista na Universidade de Nanterre.
  - 3. Fechamento da Sorbonne.
- Greve Geral na França (10º aniversário do governo Charles de Gaulle).
   Os provinciais jesuítas da América

Latina, junto com seu Superior Geral, Pe-

dro Arrupe, decidiram em reunião no Rio de Janeiro "dar prioridade absoluta ao problema social na América Latina. (...) É necessária certa ruptura com algumas atitudes do nosso passado.(...) Para orientar nossas atividades em conformidade com as necessidades humanas e religiosas mais urgentes do nosso continente, propomonos primeiramente deslocar uma parte de

<sup>11.</sup> A vivência deste ano, na perspectiva dos militantes, cf.: DIRCEU, José PALMEIRA, Vladimir. *Abaixo a ditadura*. O movimento de 68 contado por seus líderes. Rio de Janeiro, Garamond/Espaço e Tempo, 1998, aqui p. 85ss.

<sup>12.</sup> In: CELAM. Documentos de pastoral indígena: 1968-1985. Celam/Demis 9, Bogotá, 1989, p. 7-52.

nossas forças apostólicas para a massa inumerável e crescente dos abandonados. (...) Julgamos ser a educação um dos fatores principais de transformação social. (...) A situação da América Latina exige de nós uma mudança radical: infundir em nossos alunos, primordialmente, uma atitude de serviço à sociedade." (F.d.S.P., 16.5., I/8). Em seu discurso de abertura, o papa Paulo VI menciona esse documento e o próprio padre Arrupe foi um dos "convidados especiais" da Conferência de Medellín.

18. Na França, a greve mobiliza dois milhões de trabalhadores.

26. Primeiro transplante de coração no Brasil, no Hospital das Clínicas de São Paulo.

30. Mais de 700 mil pessoas saem em passeata em apoio ao governo De Gaulle, que dissolve a Assembléia Nacional e convoca eleições parlamentares para o mês sequinte.

#### Junho

6. Assassinato do senador Robert Kennedy.

 9. O Marechal Tito (Iugoslávia) cede às manifestações estudantis em Belgrado e faz reformas políticas e sociais.

20. Estudantes invadem a Reitoria da UFRJ, forçando o Conselho Universitário a ouvir suas reivindicações. Questionar o poder do professor na universidade, "onde reinava toda uma estrutura de opressão aos estudantes", era mais difícil do que enfrentar a polícia<sup>13</sup>. J. Dirceu lembra seus primeiros meses na PUC: "A partir do golpe, o centro acadêmico havia sido fechado (...). O ambiente era muito atrasado e autoritário. (...) Os rapazes e as meninas tinham que se sentar separados

na sala de aula, não podiam ficar juntos. (...) Eram obrigados a se levantar quando os professores entravam em sala, parecia um colégio de padre<sup>14</sup>." Introduziram o "espírito da época" na universidade, mas, ao sair dela, apanharam barbaramente. A PM prendeu 400 estudantes.

21. Sexta-feira Sangrenta no Rio de Janeiro: estudantes combatem policiais militares. Enfrentamentos deixam mais de mil presos, 60 feridos e três mortos.

22. Em São Paulo, a Vanguarda Popular Revolucionária realiza uma ação para se apropriar de armas no Hospital Militar de Cambuci e, no dia 27, lança um carrobomba contra o QG do II Exército.

26. Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro.

#### Julho

7. Primeira experiência atômica francesa no Pacífico sul (detonação de uma bomba H).

16. Greve de Osasco com a participação de 15 mil trabalhadores da indústria. – Comando de Caça aos Comunistas (CCC) ataca o teatro Ruth Escobar, espanca os atores da peça Roda Viva e destrói os cenários. Uma semana mais tarde o teatro sofre um atentado.

18. No Rio de Janeiro e em São Paulo estudantes prestam solidariedade aos trabalhadores de Osasco.

19. IX Assembléia da CNBB divulga documento que condena a falta de liberdade no país e reivindica a realização de reforma agrária.

22. A sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) sofre um atentado a bomba.

<sup>13.</sup> DIRCEU J./PALMEIRA V. Abaixo, 1.c. p. 114s.

<sup>14.</sup> Ibd. p. 41.

25. Carta Encíclica Humanae vitae. de Paulo VI.

#### Agosto

- 2. Atentado a bomba no Teatro Opinião, no Rio de Janeiro.
- 7. Lançamento de Tropicália, discomanifesto do movimento Tropicalista (Caetano Veloso, Gilberto Gil).
- 10. A Ação Libertadora Nacional (ALN) expropria o trem pagador Jundiaí-Santos.
- 19. Em nome de Paulo VI, o cardeal Lercaro inaugura o 39º Congresso Eucarístico Internacional em Bogotá. No dia anterior, em Castelgandolfo, o papa declarou, em vista de sua visita à América Latina: "Desejamos especialmente em nossa viagem à Colômbia conhecer os pobres, essa enorme e imensa população que não tem alimento" (F.d.S.P., 19.8. - I/2).
- 20. Fim da Primavera de Praga. Tropas do Pacto de Varsóvia invadem a capital tcheca.
- 22. Paulo VI chega à Colômbia para participar do Congresso Eucarístico Internacional e abrir a Conferência de Medellín.
- 23. 200 mil camponeses foram ao encontro com Paulo VI em Mosquera, perto de Bogotá. Paulo VI faz um discurso programático na ocasião: "Vós sois Cristo para nós (...). Continuaremos denunciando as injustiças sociais e econômicas, entre ricos e pobres" (F.d.S.P. 24.8.68 - I/6).
- 24. O Discurso de Abertura da Conferência de Medellín, de Paulo VI, causou "surpresa e embaraço" entre os progressistas. D. Avelar Brandão, um dos três presi-

dentes da Conferência, diz em seu Discurso de Abertura que as palavras do papa são "orientações que nos iluminam e fortalecem, sem matar o clima de espontaneidade que deve coexistir com nossos estudos e trabalhos".

- 27. Iniciaram-se os trabalhos de Medellín com sete palestras de ambientação e seminários temáticos. 15
- 29. A Universidade de Brasília (UNB) é invadida pelo exército e pela polícia.
- 30. Assembléia de estudantes da UFRJ é atacada a tiros pela polícia.

#### Setembro

Geraldo Proença Sigaud, arcebispo de Diamantina, embora não sendo delegado da Conferência de Medellín, travou uma querra particular contra o evento. Diariamente divulgou suas discordâncias com a CNBB, e particularmente contra Helder Câmara. Depois de ver aprovadas no Vaticano II todas as teses que combatia, lutou posteriormente por uma interpretação minimalista do Concílio.16

2. O deputado Márcio Moreira, do MDB do Estado da Guanabara, propõe, em discurso na Câmara Federal, o boicote popular ao desfile militar de sete de setembro. As forças armadas exigem sua punição.

#### Outubro

Uma CPI sobre a situação dos povos indígenas, da Câmara dos Deputados, percorre o país, lamenta o abandono total dos índios, a invasão dos seus territórios e o despreparo dos funcionários da Funai (F.d.S.P. 25.10. - I/6).

CONVERGENCIA

<sup>15.</sup> Os dados e textos não particularmente indicados encontram-se em: PARADA, Hernán. Crónica de Medellín. Segunda Conferencia General del Episcopado Latinoamericano (Col. Iglesia Nueva, 17), Indo-American Press, Bogotá, 1955.

<sup>16.</sup> PARADA, H., p. 220. Cf. F.d.S.P 5.9.-1/2.

- 1. Denúncia do deputado do MDB, Maurílio Ferreira Lima, na Câmara Federal, do plano militar de usar os membros do PARA-SAR (unidades de busca e salvamento da FAB) em missões de assassinato de lideranças estudantis.
- 2. Em São Paulo, alunos de extrema direita da Faculdade Mackenzie atacam estudantes de filosofia da USP, que arrecadavam fundos para a realização de suas atividades de política universitária. O secundarista José Guimarães, de 20 anos, é morto com um tiro na cabeça, ao tentar alcançar o prédio da Mackenzie.
- 3. Exército mexicano ataca estudantes. 43 morrem e centenas ficam feridos. No Peru, o general Velasco inicia o Governo Revolucionário das Forças Armadas (GRFA) que defende os interesses nacionais e campesinos (Reforma Agrária).
- 4. Grupo para-militar seqüestra em Porto Alegre atores de Roda Viva.
- 12. Abertura dos XVI Jogos Olímpicos em México. No mesmo dia, a polícia estoura, em Ibiúna, o XXX Congresso da UNE e prende 713 estudantes.

- 13. Atentado à bomba contra a Editora Civilização Brasileira.
- 14. Manifestações de protesto em todo o país contra as prisões de Ibiúna.

Em meados de outubro, o padre João Calleri, missionário da Congregação da Consolata, partiu de Manaus ao encontro com os Waimiri-Atroari, para preparálos para o iminente impacto civilizatório e desenvolvimentista daquela região. No dia 1º de novembro foi assassinado com requintes de crueldade numa conspiração entre serviço secreto, missionários fundamentalistas e aventureiros.<sup>17</sup>

31. O Partido comunista da China proclama o fim da "grande revolução cultural proletária".

#### Dezembro

- 2. Teatro Opinião, no Rio de Janeiro, sofre novo atentado â bomba pelo CCC.
- Câmara dos Deputados rejeita o projeto que daria abertura ao processo contra o deputado Márcio Moreira Alves.
- 13. O Ministro da Justiça promulga o AI-5 e o Ato Complementar n. 38, que fecha o Congresso.

#### 3. LIÇÕES POLÍTICAS

O ano de 1968 condensa a miséria, a esperança e o estado de espírito de todo um século. Tudo apontava para as estruturas de violência e a necessidade de transformações. A violência e a força destrutiva têm múltiplas dimensões. São assassinados estudantes, operários, líderes anti-racistas e políticos. São massacrados povos indígenas e missionários. São torturados presos políticos e segües-

trados atores de teatro. A força destrutiva está embutida no projeto civilizatório, nas instituições, no Estado, na própria racionalidade instrumental, no fundamentalismo religioso, classista e étnico, nos grupos paramilitares e serviços secretos. Está presente nas forças repressivas do Estado. As interferências dos Estados Unidos sustentam e preparam nos respectivos países latino-americanos

<sup>17.</sup> Cf.SABATINI, Silvano. Massacre. São Paulo, Cimi/Loyola, 1998.

as ditaduras militares. À violência dos aparelhos repressivos do Estado se soma a violência da fome e da marginalização. No desespero da clandestinidade e da repressão política, a esquerda é desarticulada e reproduz o autoritarismo da direita em sua prática revolucionária. A experiência de '68 mostrou que as estruturas de violência são abaláveis. O pequeno Vietnã mobilizou movimentos de protesto no mundo inteiro. Forcas conjuntas do Vietcong, Vietnã do Norte e do povo do Vietnã do Sul começam a derrotar o império dos Estados Unidos. Vietnã e Cuba mostraram que os pequenos podem vencer o grande Golias. Crescem evidências de que as lutas dos estudantes, dos operários e dos camponeses contra o autoritarismo e a miséria podem ser vitoriosas. Nos Estados Unidos, a luta antiracista perdeu Martin Luther King, mas ganhou força nos subúrbios. A morte de Che Guevara não apagou sua memória. E nestas lutas se engajava um número crescente de mulheres. A greve, a passeata, o protesto contra a corrida armamentista, a ocupação da universidade e da fábrica fazem sentido. São escolas políticas. Uma juventude que não se conforma com o mundo, como é, pode também mudar padrões de relacionamento do cidadão com o Estado, entre as gerações e os gêneros. '68 era um ano de protagonistas jovens em evidência. Logo reconheceram a neces-

rente de transformação.

sidade de articulação com os operários. Mas, a juventude que se mobilizou, na maioria dos países, não representava uma classe social revolucionária. Dificilmente ela consequiria sustentar um projeto coe-O objetivo mais amplo dos acontecimentos de 68 era a construção de um mundo novo. Frente ao "princípio da

das da moral burguesa e reivindicações de participação democrática e bem-estar social no interior de uma "sociedade de trabalho" marcaram o ano de 1968. Mas a "sociedade de trabalho" perdeu sua inocência. A abolição da propriedade privada dos meios de produção não gerou a autogestão dos operários. O Estado pode garantir a sobrevivência dos cidadãos, mas não seu bem-estar enquanto felicidade possível. O Estado, como instituição de solidariedade social, pode garantir um seguro-desemprego, mas não o emprego como "direito humano", à livre escolha do cidadão. No meio dos protestos contra a ordem estabelecida, a miséria e a ditadura, estava acontecendo uma discussão sobre o projeto da humanidade, sobre o futuro e o sentido da vida. Desta discussão emergiu um grito por transformações profundas de estruturas e valores, pelos direitos humanos e democráticos, por libertação dos oprimidos, pela ruptura com tradições opressoras e pela revolução do comportamento sexual.

realidade", os jovens invocaram o "princi-

pio esperança". A realidade não é nem

natural, nem fatal, ela é histórica. A reali-

dade pode e deve ser transformada. Todos

procuravam construir o mundo novo em

contraste com seu mundo existente. Na

França, os estudantes lutaram por mais

bem-estar administrado por um Estado

menos burocrático e autoritário, lutaram

contra o establishment e sua conduta re-

pressiva e escassa de sentido. No Brasil.

as demonstrações e greves, embora tendo

um substrato social, primeiramente se di-

rigiram contra a ditadura do regime mili-

tar que na época conseguiu baixar a infla-

ção e apresentar taxas surpreendentes de

crescimento econômico. Paixões liberta-

CONVERGENCIA 540

CONVERGÊNCIA

O projeto da geração nova, que foi para as ruas, era ideologicamente mal definido, estrategicamente pouco pensado e politicamente desarticulado. A palavra de ordem da "geração meia oito" era "mudança". As lutas de '68 apontavam não apenas para uma releitura do mundo, mas para sua reinvenção, sobretudo a partir do campo privilegiado dos estudantes, do campo cultural. A revolta da iuventude leva a um questionamento radical daquilo que até então era considerado política e culturalmente correto. Curtas palavras de ordem, como "e proibido proibir", "a imaginação ao poder", "seja realista, peça o impossível", "faça amor, não faça a querra", assustaram o establishment e questionaram seus códiqos de conduta moral e seu conformismo.

Mas um mundo novo não será somente resultado de uma ruptura ideológica ou revolução cultural. Não basta "questionar" a tradição e ser contra o "sistema". Um projeto alternativo, nas condições do mundo moderno, precisa ser globalmente articulado e arquitetado em todos os sistemas sociais (campo político, econômico, sócio-cultural, ideológico). Também um projeto alternativo será sistêmico. Para não se corromper pela contradição entre fins e meios, esse projeto necessita legitimar-se pela transparência e participação democrática mais ampla possível. O horizonte de alternativas alimenta uma dúvida profunda sobre a possibilidade de reconciliação entre bem-estar para todos, capitalismo e democracia.

No final do ano, a reação conservado-

ra se reinstalou dando pão e garantindo propriedade em troca de liberdade. Atuou com mais brutalidade e cinismo que antes, apesar do avanço do pequeno Vietnã, do avanço das lutas anti-racistas e das mudancas, democratizantes no sistema educativo. O terrorismo da direita impediu um maior aprimoramento do projeto socialista. Desigualdades que sobrevivem e convivem com movimentos históricos igualitários são indicadores de que a reação conservadora, em cada instante da história, pode retomar as instituições. A demonstração nas ruas não garante a tomada duradoura da praça pública. A história é um processo dialético, não teleológico. Enguanto não mudam as estruturas econômicas, que beneficiam a desigualdade, os privilegiados não perdem a querra, perdem apenas batalhas.

#### 4. RECEPÇÃO ECLESIAL

Como repercutiram as grandes mobilizações e propostas de 1968 no texto e no evento de Medellín? Os textos do Vaticano II forneceram referenciais que facilitaram "trilhar o caminho da encarnação" 18. Medellín marca um grande esforço da Igreja latino-americana para ver-se a si mesma e o continente com os próprios olhos. Mas este olhar – como o olhar de

alguém que estava por muitos anos preso num calabouço – ainda era ofuscado pela luz do primeiro dia de libertação. As reflexões de *Medellín* assumem lutas históricas, mas não refletem sobre as mediações destas lutas, nem se debruçam sobre a história do continente. *Medellín* não trabalhou os traumas históricos do continente, seu luto e sua memória.

<sup>18.</sup> Cf. Discurso de abertura do cardeal Juan Landazuri Ricketts, n. 21.

#### 4.1. Transformação social

Há em *Medellín* uma consenso sobre a "necessidade de uma mudança global nas estruturas" (*Justiça* 111.16) da América Latina. "A juventude (...) reclama as mudanças profundas e rápidas que garantam uma sociedade mais justa; constantemente está tentada a expressar essa exigência por meio da violência" (*Juventude* 1.3). A questão da violência está vinculada ao "continente em transformação". Desde o início, *Medellín* se propõe a acompanhar a "atual transformação da América Latina". Já na *Populorum pro-*

gressio, de 1967, Paulo VI tinha apontado

para a necessidade de que "o desenvolvi-

mento exige transformações audaciosas,

profundamente inovadoras" (PP 32). Essa

transformação está emperrada através de

uma "situação de injustica que pode cha-

mar-se de violência institucionalizada"

(Paz 11.16) e "situação de pecado" (ibd.

1). A violência primária e primeira do sub-

desenvolvimento, da marginalização, da

desigualdade e opressão dos grupos do-

minantes constitui um dos problemas mais graves da América Latina (cf. ibd. 1-6.15). Paulo VI pediu aos 200 mil camponeses, que um dia antes da abertura da *Conferência de Medellín* foram ao seu encontro, não porem sua "confiança na violência nem na revolução". Roma e a maioria

dos bispos da América Latina não tinham nenhuma simpatia pela Revolução Cubana (1959). Os exemplos de Camillo Torres, padre que militou na guerrilha colombiana, assassinado em 1966, e de Che Guevara, que queria levar a Revolução Cubana

aos camponeses da Bolívia, onde foi executado pelo exército, em 1967, não empolgavam o setor episcopal da Igreja em sua grande maioria. E *Medellín*, afinal, foi uma

conferência de bispos.

Os textos de *Medellín* assumem a argumentação de Paulo VI. Em todos os estágios de uma luta, o objetivo desta luta

deve estar presente na sua metodologia. A luta evangélica por um mundo melhor não pode imitar os métodos dos seus adversários. Entre a sociedade nova, libertada de opressão, fome e tédio, e a luta por ela há uma relação dialética na escolha dos meios. O fim indica os meios. Por

caminhos violentos não se constrói o

mundo novo da não-violência.

Excluída a "revolução armada" e a violência, que tipo de resistência, segundo *Medellín*, cabe aos cristãos contra as estruturas de violência encravadas no corpo da América? O Documento sobre a *Paz*, em cuja elaboração participaram Helder Câmara, Lucas Moreira Neves e Gustavo Gutiérrez, aponta corretamente para "uma ação dinâmica de conscientização e organização dos setores populares" (*Paz* 11.18). *Medel*-

lín convocou para a construção da paz "as

diversas confissões e comunidades cristãs

e não-cristãs a colaborarem nesta funda-

mental tarefa" (ibd. 111.26; cf. tb. Educa-

ção 111.1 9.d). Denunciou os armados e

procurou fortalecer o espírito de resistên-

cia e libertação das vítimas da violência.
Citando a alocução de Paulo VI, em Bogotá, no Dia do Desenvolvimento, o texto deixa uma porta aberta para uma legítima insurreição revolucionaria no casa de "tirania evidente e prolongada que ofendesse gravemente os direitos fundamentais da pessoa e prejudicasse o bem comum do país" (Paz 11.19).

Medellín se comprometeu com a de-

fesa "dos direitos dos pobres e oprimidos" (Paz 111.22), com a denúncia da violência estrutural que gera miséria e injustiça social. Advertiu contra o intervencionismo das "nações poderosas contra a auto-

CONVERGÊNCIA

determinação dos povos fracos" (ibd. 111. 32) e contra a "política armamentista". "A luta contra a miséria é a verdadeira guerra que devem enfrentar nossas nações" (ibd. 111.29). Ao incentivar a organização do povo (ibd. 111.27) e sua conscientização, através de catequese e liturgia e em colégios e universidades (n. 24.s), – com suas denúncias, advertências e incentivos, *Medellín* representa um novo querigma magisterial que até hoje não perdeu sua atualidade.

#### 4.2. Protagonismo dividido

Medellín não é a Igreja latino-americana. É o setor episcopal desta Igreja. Qual é o vínculo entre este setor dirigente e o setor de base? Em seu Discurso de Abertura, Paulo VI enfatiza a necessidade de uma aproximação destes dois setores:

"A Igreja se encontra hoje diante da vocação da Pobreza de Cristo. (...) A indigência da Igreja (...) é testemunho de fidelidade evangélica; é condição, alqumas vezes imprescindível, para dar crédito à própria missão" (Discurso, n. III). E os bispos respondem: "Desejamos que nossa morada e modo de vida sejam modestos, nosso vestir simples e nossas obras e instituições funcionais, sem aparato nem ostentação" (Pobreza da Igreja 111.12). "Desejamos renunciar a títulos honoríficos, próprios de outra época" (ibd.). Estimulam também as congregações religiosas "para formar pequenas comunidades encarnadas realmente nos ambientes pobres" (ibd. 16). "Queremos que nossa Igreja latino-americana esteja livre de amarras temporais, conveniências e prestígio ambíguo" (ibd. 18).

Além de pregar a aproximação aos "setores oprimidos" (Paz 1/7), às "classes

camponês e operário" (ibd. 9), as Conclusões de Medellín permeia um incentivo aos pobres para assumirem seu protagonismo no mundo. Os bispos prometem ensinar aos pobres "a ajudar-se a si mesmo" (Pobreza 111/li), reconhecendo a "autonomia legítima que têm as tarefas temporais" (ibd. 18). A promessa da aproximação aos pobres e o incentivo de seu protagonismo no mundo foram contribuições importantes de Medellín, não só para a "atual transformação da América Latina", mas também para a transformação profunda da Igreja envolvida na realidade latino-americana. Medellín substituiu uma classe pela outra enquanto destinatária preferencial, reconhecendo o protagonismo dos pobres para a transformação da sociedade latino-americana. Os pobres de Medellín ainda não têm

populares" (Justiça 111.7) e ao "setor

rostos latino-americanos. Os textos poderiam da mesma maneira falar de pobres da Ásia ou África. Pouco dizem as Conclusões sobre o extermínio dos povos indígenas. Quando Medellín menciona os índios. os lembra inadequadamente, como "grupos étnicos semipaganizados" (Pastoral Popular 1.1), "marginalizados da cultura", "analfabetos", escravizados pela "ignorância", "privados do beneficio" de comunicar-se no idioma da sociedade dominante. Para se tornarem "autores de seu próprio progresso", os índios, segundo Medellín, precisam de "capacitação" e promoção humana e cultural (Educação 1.3; tb. Justiça 111.14). Também a subjetivi-

está presente nos textos de *Medellín*.

A libertação não avança somente através de novos destinatários. Precisa de novos atores. Os pobres, os operários, os

dade das populações afro-americanas não

Outros, as mulheres e a juventude (cf. Juventude 111.17) não são apenas "consultores" da Igreja. O povo de Deus não é só uma instância consultativa ou apelativa para a hierarquia. Os pobres são a instância constitutiva para a Igreja. A almejada transformação necessita de novos agentes e protagonistas, não somente na sociedade, mas também na Igreja. E na própria Igreja não deveriam contracenar "agentes" com "pacientes" ou meros destinatários de pastoral. Medellín não avancou na questão do protagonismo constitucional dos pobres no interior da Igreja. Os sinais dos tempos, ontem como hoje, apontam para essa mudança. Ela seria, como a revolução copernicana, não uma mudança da órbita celeste, mas o reconhecimento cognitivo que essa órbita já funciona desde sempre diferentemente. Enquanto as reformas da Igreja não têm desdobramentos estruturais, todas as "quase revoluções progressistas" são vacilantes, reversíveis e recuperáveis. É uma das lições do próprio Vaticano II.

#### 4.3. Em busca do projeto

O novo projeto latino-americano está intrinsecamente vinculado ao protagonismo dos pobres e dos Outros na sociedade e na Igreja. A Igreja pós-cristandade se recusa a indicar formas concretas de modelos de Estado, desde que seu espaço institucional esteja garantido. Como dizia D. Avelar Brandão depois

do encontro com o presidente da Repú-

blica, Costa e Silva, dia 19 de janeiro de

68: "É preciso ficar bem claro que a Igre-

ja não deseja interferir nos programas

governamentais mas, apenas, procurando interpretar os sinais dos tempos, con-

tribuir para o desenvolvimento harmô-

nico e integral do Brasil" (F.d.S.P., 19.1.68, I/5). O projeto de uma "nova ordem" pressupõe que "os homens não sejam objetos, senão agentes de sua própria história" (Paz 11.1 4a). As transformações das estruturas políticas, das estruturas fundiárias e sociais numa ação de "libertação integral" visam a um "Continente novo" com "homens novos", que "saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis" (Justiça 11.3.4). Os bispos de Medellín buscam um "novo tipo de sociedade" (Educação 11.8), sem claramente descrever os contornos desse projeto de "uma nova sociedade" (Justiça 111.7). O mundo novo que almejam, se baseia abstratamente "na personalização das novas gerações, na sua "livre autodeterminação" e "na consciência de sua dignidade humana" (ibd.). Na postura de pós-cristandade existem três núcleos de apoio eclesial para o

plo institucional da Igreja e a normatividade do evangelho. De uma ou outra maneira, o clamor do povo foi profeticamente assumido por *Medellín*. O "exemplo institucional" da Igreja pouco contribuiu para alimentar o sonho da juventude por mais participação e democracia. Com sua estrutura pré-moderna e piramidal e com suas atitudes corporativistas, a Igreja ainda está longe da necessidade real da sociedade latino-americana que somente através de um aperfeiçoamento democrático, dialogal e participativo poderia funcionar em beneficio dos pobres. Enquanto

os movimentos de '68 procuravam inven-

tar novas normas de conduta para um projeto indefinido, a Igreja recorre ao seu fun-

novo projeto das sociedades latino-ame-

ricanas: o clamor do povo, interpretado

como "sinal do tempo", o próprio exem-

do normativo, o evangelho, nem sempre corretamente refletido em sua prática institucional.

Medellín faz uma moderada autocrítica desta situação dando razão aos jovens que "recusam as organizações demasiado institucionalizadas, as estruturas rígidas e as formas de agrupamentos massificantes" (Juventude 1.6). Medellín era a madrugada de Pentecostes à espera do Espírito Santo: "Veni, pater páuperum, (..)flecte quod est rígidum"19. A juventude traz algo deste sopro do Espírito ao enunciar "valores que renovam as diversas épocas da história" (ibd. 13). E essa juventude exige "uma atitude de diálogo" (ibd. 13), "autenticidade" (ibd. 3), "coerência" (ibd. 5) e "apoio moral" nas lutas sociais. Com sua "capacidade de se alegrar com o que começa' (ibd. 11), espera dos bispos "uma atitude francamente acolhedora" (ibd. 13), um "serviço, isento de autoritarismo" (ibd. 15c) e "confiança

aos dirigentes leigos" (ibd. 17). A "geração meia oito" exigiu não só mudanças de comportamento do corpo institucional. Exigiu também mudanças de tabus em relação ao corpo de cada um, que implicaram em mudanças profundas do comportamento sexual. A Carta Encíclica *Humanae vitae*, assinado por Paulo VI praticamente na véspera de Medellín (25.7.68), confirma a tradição jus-naturalista da Igreja em matéria de "amor conjugal" e "paternidade responsável". Na América Latina, onde o povo está acostumado a conviver dialeticamente com as contradições históricas e institucionais, a Encíclica não causou grandes protestos, como na Europa. Tampouco influenciou no comportamento sexual das classes populares que, sobretudo nas zonas rurais, consideram uma prole numerosa segurança para a velhice. Como muitas campanhas de limitação da natalidade foram incentivadas pelos Estados Unidos, a Humanae vitae fortaleceu, por vezes, o discurso anti-imperialista. Os faraós têm medo da prole dos escravos.

A juventude universitária e as classes esclarecidas das cidades, cujo comportamento cultural é mais ajustado aos relógios sociológicos mundiais que aos ensinamentos da Igreja, não tomaram conhecimento da Encíclica na contramão do espírito da época. Muitos moradores da grande cidade que vêm do campo e culturalmente ainda são católicos, olham para Igreja como para sua mãe. Esta deve ser amorosamente respeitada, mas, na idade dela, certas coisas da vida ela não entende mais, portanto, não deve ser consultada a esse respeito, nem informada. Na dialética de uma sociedade com mudanças vertiginosas, uma instituição que "segura" a tradição do "direito natural" certamente tem um valor estabilizador. Os bispos de *Medellín* acolheram a Humanae vítae como "ideal" não meramente proibitivo, mas propositivo, no interior de "um humanismo novo, libertado do erotismo da civilização burquesa" (Família 111.1 Od. 11). Transformações culturais sempre são ambivalentes. Não existem padrões para identificar a presença de Deus na história. Deus pode se revelar na "brisa suave" da tarde, na "tempestade" da noite e na "calmaria" da madrugada.

CONVERGÊNCIA

<sup>19.</sup> Sequência do Domingo de Pentecostes: "Vinde, pai dos pobres, (...) dobrai o que é ríqido".

#### 5. OPTAR COM OS POBRES

Uma Igreja livre das amarras pré-modernas pode apontar, desde uma modernidade criticamente assumida, para a ambivalência do projeto da modernidade.

Neste projeto as forças produtivas facilmente se transformam em forças destrutivas, a planificação acaba em burocracia, da autonomia emergem novas dependências, da emancipação, nova repressão. Desde a Revolução Francesa, que marca com o Iluminismo e a Revolução Industrial o início da modernidade, podemos observar que a liberdade revolucionária facilmente acorda no calabouço de um ditador e que a racionalidade tecnológica anda de braços dados com a irracionalidade social dos excluídos.

Mas, estas observações críticas não podem ser feitas desde o camarote do Ancien Régime. Elas pressupõem a assunção crítica e sofrida da modernidade. Exigem caminhada e proximidade, novas perspectivas das verdades herdadas e transformação de seu suporte estrutural caducado. A "Igreja na atual transformação" de Medellín não produziu uma atual "transformação estrutural da Igreja". Mas, em determinadas épocas da história da Igreja, mudanças estruturais significam rupturas intemas e fragmentação do corpo eclesial. Medellín não era o tempo nem o lugar para essa ruptura. Era apenas fermento. Medellín e nós temos dívidas reciprocas.

Os sinais acolhidos e emitidos por Medellín – a proximidade ao contexto dos pobres, a necessidade de transformações e a discussão adulta sobre o projeto da humanidade – não apontam para resultados, mas para tarefas permanentes. O movimento estudantil e as greves dos operários não abalaram a estrutura desequiliOs funcionários do establishment voltaram dos seus abrigos para a rotina estéril de seus escritórios frios. O espaço hegemônico do inverno não é a terra, nem a palavra. Para uns é o celeiro e o mercado, para outros o calabouco e o martírio, o exílio e o silêncio. No inverno pós-68 a Igreja latino-americana despertou esperança por causa de sua primavera teológico-pastoral. A luta estudantil, as greves dos operários, a miséria do povo e a arbitrariedade do regime militar aproximavam setores significativos da Igreja ao povo e suas lutas. O tempo de Medellín é o tempo das vozes proféticas; pós-Medellín é o tempo dos mártires: Hector Gaílego (sacerdote, Panamá, 1971), Rodolfo Lunkenbein (sacerdote) e Simão Cristino (Bororo, ambos Brasil, 1976), Angel Angelelli (bispo, Argentina, 1976), Luis Espinal (sacerdote, Bolívia, 1980), Oscar Romero (bispo, El Salvador, 1980). A profecia e o martírio forjaram o sonho de uma Igreja nova, "autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo o poder temporal e corajosamente comprometida na libertação do homem todo e de todos os homens" (Juventude 111.15).

brada entre capital e trabalho. "Primave-

ras" de '68 se tornaram longos invernos".

Nos últimos 40 anos, nunca estivemos geograficamente tão próximos aos pobres e historicamente tão contemporâneos com eles, como nesta virada de século. Os conflitos envolvem sujeitos humanos, com nome próprio: povos indígenas, sem-terra, movimentos populares, migrantes. Desde a IV Conferência do Episcopado Latino-americano, em Santo Domingo (1992), os documentos da Igreja Católica mostram um certo cansaço com

a análise da realidade. Muitas reflexões eclesiais não comecam mais com a "visão pastoral da realidade", como ainda em Medellín (1968) ou Puebla (1979). Na época, a análise "ver-julgar-agir" era a marca registrada da reflexão teológica e ação pastoral, inspirada na Ação Católica. Hoje prevalece em muitos pronunciamentos uma visão essencialista e paroquial. Em todas as religiões e Igrejas existem setores que se encontram a poucos passos do fundamentalismo e do populismo. Nestes setores, enquanto cristãos, Jesus Cristo, redentor crucificado e ressuscitado, é invocado como "JC", que inspira coreografias de auditórios. Pouco se fala da sua cruz e os crucificados da história são esquecidos. Estes setores pós-modernos e, ao mesmo tempo, fundamentalistas olham para a realidade como se fosse a perturbação da essência do evangelho e não um "lugar teológico" ou um "sinal do tempo". A propagação de "JC Positivo" encobre a realidade; procura convencer os pobres

de que a essência do evangelho è cegamente "louvar ao Senhor". Um certo "pentecostalismo sem o Espírito Santo" manda fechar os olhos diante da realidade e proíbe aos pobres falar com Deus, como Jó, o sofredor.

A proximidade espacial e temporal e a "normalização democrática" dos anos '90 não produziram uma nova confraternização da humanidade. O jargão neoliberal, que nos fala de flexibilização, modernização e racionalização, não amenizou a dor dos pobres mas, pelo contrário, é expressão dela. Produziu novas rupturas e abriu crateras sociais à vista de todos. A profética "opção pelos pobres", de Medellín, necessita de uma segunda opção, da "opção pela plena participação dos pobres" na reconstrução da sociedade e na reformação constante da Igreja. Também depois da queda do muro de Berlim, o anúncio explícito de que a causa dos pequenos e excluídos pode ser vitoriosa além e aquém da globalização neoliberal, faz parte do querigma missionário.

#### QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU EM COMUNIDADE

- 1. Que leitura fez Medellín dos sinais dos tempos naquele momento histórico?
- 2. Que legado nos deixou Medellín através dessa leitura?
- 3. Como discernir em comunidade os novos sinais dos tempos que desafiam hoje a missão profética da Vida Religiosa?

Pe. Paulo Suess

Endereço do autor: Caixa Postal: 46-023

04046-970 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 606-0081

E-mail: suess@uol.com.br

# A Coragem do Futuro

# (A inserção da Vida Religiosa no pluralismo deste início de século)

MARCELO BARROS

A Vida Religiosa continua em crise e o seu futuro não parece claro. Está na hora de reinventar a coragem e escutar o que o Espírito diz às Igrejas nesta nova época do mundo. Somos chamados à coragem do futuro.

São termos "perigosos" que retomo de autores que, aqui e ali, leio ou escuto nos ambientes religiosos. Os boletins médicos de hospital declaram que uma pessoa doente mantém sinais vitais em bom estado, quando precisam assegurar isso para tranquilizar o público e a família. Isto significa: falam que os sinais vitais de alquém estão bons quando, contraditoriamente, há algum risco de vida. Até agui, ninquém nunca me disse que meus sinais vitais estão bons. Outro dia, em vôo transatlântico, vi aeromoças percorrerem a aeronave, dizendo a todos: "fiquem tranquilos, tudo está sob controle!". Depois de 22 anos de constantes viagens aéreas e nunca ter visto aquilo, logo pensei que algo grave acontecia. De fato, após esvaziar o combustível, o avião voltou a Paris com uma pane no motor. Ninguém diria que "a Vida Religiosa tem futuro" se este estivesse garantido. É preciso reconhecer que vivemos uma situação de risco.

É compreensível que uma forma de vida, nascida como sinal do Reino nos séculos antigos, tenha de ser revista e transformada quando o mundo passa por uma "mudança de civilização". Precisamos pensar em novo começo, ou "refundação", não apenas pelo fato de vermos institutos sem candidatos ou porque, freqüentemente, sofremos a saída de membros que acabaram de fazer profissão religiosa. Deus pede de nós uma nova abertura, não por causa da realidade difícil, mas porque devemos responder de modo atual ao tempo novo que o Espírito suscita no mundo e nas Igrejas.

Partilho aqui com vocês algumas intuições e perguntas sobre a espiritualidade da inserção da Vida Religiosa, hoje, no meio dos pobres. Não tenho certezas e propostas prontas. Considero-me discípulo e admirador de tantas irmãs e irmãos que vivem em acampamentos de sem-terra, com grupos indígenas, em trabalhos de Pastoral Popular ou com sofredores de rua. Quero, apenas partilhar com vocês perguntas e impressões sobre o assunto. Como quem escreve uma carta inacabada, enfoco alguns aspectos e converso sobre pontos que vocês podem aprofundar, confirmando ou corrigindo minhas intuições.

#### 1. TRAÇOS DESTE TEMPO NOVO E DAS COMUNIDADES EMPOBRECIDAS

Para viver, hoje, uma nova inserção no meio dos pobres, é bom percebermos o que marca o tempo atual e a vida dos mais pobres.

A situação é complexa e muito difícil de caracterizar. Em 1789, o cientista Beniamin Franklin visitou a Franca e de lá escreveu diversas cartas a amigos de Boston. Nesta correspondência, ele contava acontecimentos que o impressionavam: movimentos populares, ataque ao palácio real, ameaça de destruição da Bastilha... Lendo, hoje, esta correspondência, percebemos que ele vê os acontecimentos, interpreta-os corretamente, mas não pode imaginar que está assistindo ali elementos de um movimento maior que, posteriormente, ficou conhecido na História como "a Revolução Francesa". Do mesmo modo, atualmente, podemos nos impressionar com os avanços da Informática e denunciar o modelo de Globalização que aumenta as desigualdades sociais, mas é preciso certo tempo e perspectiva histórica para discernir as características de uma época como a nossa. A partir do prisma pelo qual vemos a vida, somos tentados a dizer que o mundo atual é marcado por três fatores preponderantes:

- 1. O pluralismo cultural e religioso.
- 2. O aumento assustador da pobreza no mundo.
- A irrupção de organizações e movimentos alternativos que expressam a luta e resistência dos excluídos.

Para nos inserirmos nesta realidade, é importante que prestemos atenção, ao menos, a estes três aspectos e saibamos como nos situar em frente a estes fenômenos. O pluralismo cultural e religioso

aparece ligado a uma nova sede de espiritualidade que toma expressões muito diversificadas e vão muito além das fronteiras de nossas Igrejas e religiões organizadas. O aumento da pobreza gera migrações e um novo tipo de pobre "desaculturado", nas periferias urbanas, alvo fácil da violência e do tráfico de drogas. Na maioria das vezes, este tipo de "pobre", vítima do desemprego estrutural e da desintegração da família e da sociedade rural, aparentemente, é menos ético, menos honesto e simpático e assim, oferece mais dificuldade de uma inserção generosa, mas pouco crítica e cuidadosa em seus métodos. Na nova mudança do mundo, é mais difícil ainda a mobilização sóciopolítica das massas. No 10º Encontro Intereclesial de Cebs, as próprias comunidades de base constataram que, hoje, contam com menos militantes engajados em partidos políticos. Ao mesmo tempo em que crescem organizações indígenas, negras e de grupos "espirituais", na sociedade, há um desgaste de ideologias e uma crise do pensamento que, muitas vezes, leva ao marasmo e ao não engajamento. Na vigília de Santo Ambrósio de 1999, o Cardeal Martini, arcebispo de Milão dizia: "Quero lhes falar de uma coisa particularmente terrivel, um mal obscuro e difícil até de nomear, talvez porque também difícil de reconhecer, como um vírus latente, entretanto onipresente. Poderemos chamá-lo de "acédia pública" ou "acédia política". É o contrário daquilo que a tradição clássica grega, como no Novo Testamento, chama de "parresia", liberdade de chamar as coisas pelo próprio nome. Trata-se de uma

neutralidade apática, do medo de avaliar objetivamente as propostas conforme critérios éticos. A consequência disso é o decair da sapiencialidade política"1.

Um pastor amigo da geração dos 50, se queixava: "Compreendo que meus pais sejam mais conservadores do que eu, mas tenho dificuldade de aceitar que

meu filho de 20 anos o seja também". Este problema contagia também comunidades religiosas. Mesmo pessoas antes engajadas, hoje, parecem cansadas e quase sem perspectivas. A novidade nos ambientes eclesiais é o fortalecimento de movimentos conservadores e de fenômenos que exaltam uma religião desencar-

nada que mais consiste em shows e espe-

táculos sem preocupação de inserção so-

Neste contexto, é importante valori-

cial e humana.

zar a resistência cultural e espiritual de tantas religiosas e alguns religiosos que prosseguem e até aprofundam a comunhão e engajamento com os sem-terra, com os índios, com os lavradores ou com o povo das periferias urbanas ou os sofredores e sofredoras de rua. Pelo contexto do mundo e da própria Igreja, sem dúvida, esta inserção amorosa é atualmente muito mais difícil e exigente do que há 25 anos, quando o Brasil e outros países latino-americanos vivíamos sob ditadura militar. Para as religiosas e religiosos inseri-

dos, talvez, a maior dificuldade, no dia a dia, não é a estrutura social, cada vez mais insensível e excludente. Muitas vezes, para eles e elas, a maior dificuldade é a dissociação que são obrigados a viver blemas, preocupações e exigências extremamente diferentes. A pessoa se sente devendo falar dois idiomas estranhos um ao outro. A "inserção da Vida Religiosa" não pode ser apenas a inserção de reliqiosas/os, apesar das Congregações e das Dioceses e como se tratasse de algo à parte do caminho religioso. Assim como a encarnação de Jesus define o seu pró-

gregação. Parecem dois mundos, com pro-

prio ser e é o seu modo de viver a intimidade com o Pai, precisamos redescobrir a "mística", ou a "espiritualidade da inserção", como forma de atualizar e dinamizar toda a vida religiosa, tanto a das irmãs e irmãos que vivem e trabalham diretamente com os pobres, como a das comunidades mais tradicionais que continuam o estilo de vida conventual de sempre, mas podem ser enriquecidas e renovadas pela solidariedade e comunhão com a missão e a inserção de suas irmãs e irmãos. É pre-

ciso continuar o trabalho de simplificar e

atualizar a própria estrutura e compreen-

são da vida religiosa. É preciso rever seus

modelos e suas expressões. A base da "espiritualidade da inserção" é a convic-

ção de que devemos ser permanentemen-

te evangelizados pelo povo mais empobrecido, ao qual Deus "revela os seus se-

gredos" (Lc 10,17 ss). Poderemos falar

de uma verdadeira "inserção" da própria Vida Religiosa quando as Congregações se deixarem converter não tanto mudando todas as comunidades para as periferias, mas possibilitando que todos os conventos e comunidades sejam tocadas e transformadas pela experiência e trabalho das irmãs e irmãos inseridos. entre a vida inserida e a pertença à Con-

CONVERGÊNCIA

CAROLO MARIA, CARDINAL MARTINI, Discorsi alla Città, (Discorso di 07/12/1999), Ed. Arq. Di Millano, 2000, p. 345.

Há, no entanto, outro tipo de dificuldade: o padre José Comblin disse uma vez que a nossa Igreja da Libertação optava pelos pobres e estes optavam pelas Igrejas e movimentos pentecostais. O Pentecostalismo evangélico e católico, tipo movimento carismático, é o que mais cresce nos ambientes cristãos e, especialmente no meio dos empobrecidos. Na África, há países nos quais os pentecostais chegam a ser 80% dos cristãos. No mundo, em cada quatro cristãos, ao menos um é pentecostal. Isso denota uma insatisfação com as Igrejas históricas e, às vezes, certa incapacidade nossa de nos inserir no caminho espiritual dos pobres. O que adianta os religiosos e religiosas se inserirem no mundo social e político dos pobres se não são capazes de se inserir justamente naquilo que todos esperam de nós: o caminho da busca de Deus e o método para viver sua intimidade? O mundo dos pobres não pede dos religiosos e religiosas que se insiram como "sociólogos/as", "agentes de saúde", ou simplesmente como "educadores", por mais que estes técnicos possam ser úteis. O que as comunidades religiosas inseridas podem dar de melhor ao povo é o testemunho de sua busca de Deus e da espiritualidade, partilhada com os vizinhos, vivida na simplicidade e na comunhão com os

Pode haver uma inserção "militante" e solidária de alguém ou um grupo que ajuda social e tecnicamente mas não comunga a vida. Nos meus primeiros contatos com Dom Hélder Câmara algo que me impressionou muito foi como ele vivia no cotidiano da vida e nas pequenas relações o testemunho do amor aos mais pobres como mística evangélica. Uma vez, perguntei por que, ao invés de interromper a cada momento o que estava fazendo para atender quem batia à porta, ele não pedia um auxiliar para ajudá-lo nesta tarefa. Ele me respondeu sem hesitar e muito naturalmente:

- Eu até já pensei nisso, mas não fiz porque se for um pobre que bate à minha porta, não quero que Jesus pense que eu deleguei alguém para atender os pobres no meu lugar. Faço questão de eu mesmo ter esta alegria.

Esta mesma espiritualidade, descubro em pastores como Dom Pedro Casaldáliga, Dom Luciano Mendes de Almeida e outros. Pessoalmente, para mim, atender pessoas que me procuram em horas inesperadas e quando estou com outras tarefas, para mim urgentes, é sempre uma ascese espiritual exigente, mas que descubro é uma forma de inserção mais gratuita e cotidiana.

## 2- DESAFIOS PARA UMA NOVA INSERÇÃO

O mundo mudou e não podemos, hoje, continuar com as mesmas reações e condicionamentos dos movimentos contestadores da década de 70. Não seríamos sinais para o mundo de hoje se teimássemos em ser "sobreviventes des-

mais pequenos.

locados de 68". Entretanto, a maioria dos problemas pelos quais, naquele tempo, lutávamos, só se agravou e continua merecendo nosso engajamento e consagração. Como atualizar esta opção de modo conseqüente?

Para que a inserção não seja ingênua ou superficial, é necessário um constante estudo da realidade e uma participação da caminhada do povo. Como é importante uma iniciativa como esta que a CRB Nacional tomou de consultar formadores de opinião sobre como vêem a Vida Religiosa no Brasil<sup>2</sup>.

Igreja como serviço ao povo e testemunho do Reino de Deus. A Igreja se organi-É certamente um testemunho desta zava a partir da "Eclesiologia de Comumesma preocupação de inserir-se na realinhão". De acordo com esta visão teológidade o fato de vários religiosos e religioca, cada Igreja local é plenamente Igreja sas terem participado do Encontro Nacioe não apenas uma filial dependente da nal dos Catadores de Papel em Brasília central romana. Assim como Jesus se en-(junho 2001) ou o fato novo dos monges carnou, a Igreja é chamada, não apenas do Mosteiro da Anunciação do Senhor em a viver em cada lugar, mas em ser verda-Goiás decidirem dar uma presença modeiramente Igreja local, servidora do povo nástica e como comunidade no 2º Encone comprometida com a libertação de toda tro do Fórum Social Mundial em Porto humanidade e do ser humano em sua in-Alegre (2002). Não é um caminho simples tegridade (cf. Medellín 5,15). e é bom lembrar alguns desafios e dificul-A inserção obedecia a este apelo de dades que temos para percorrê-lo. encarnação da Igreja local que se via

# 2.1. O desafio de se inserir em uma Igreja que, em muitos lugares e situações, "mudou" de eclesiologia, ou de "compreensão sobre sua missão".

É preciso lembrar e repetir: a inserção das comunidades religiosas ou de irmãs/ãos com os mais pobres depende sempre de uma determinada compreensão da natureza e missão da Igreja. Quantas congregações, fundadas em outros tempos, para servir aos mais pobres, hoje,

se descobrem trabalhando com outras classes sociais? Os motivos são diversos.

compreensão de Igreja e de sua missão.

ou de pessoas individuais. Na carta "Novo Millenio Ineunte". o papa João Paulo II indica para as Igrejas um caminho de continuidade do Jubileu do ano 2000. Uma das suas propostas é retomar e aprofundar a "espiritualidade de comunhão" (NMI 43; 48). A

exercendo sua eclesialidade em sentido

pleno e em comunhão com as outras Igre-

jas e especialmente com Roma, a primeira

logia e o modelo de pastoral dela decor-

rente foram eliminados ou, ao menos, postos de lado, a inserção só pôde conti-

nuar como projeto de pequenos grupos

Infelizmente, quando esta Eclesio-

As atuais formas de inserção vêm de um modelo de Igreja decorrente do Concí-

lio Vaticano II e, aqui na América Latina,

da Conferência dos bispos católicos em

Medellin (1968). Este movimento profé-

tico, fruto do Espírito, via a missão da

tradução concreta desta proposta seria mas certamente um dos elementos é a uma nova inserção eclesial baseada na

quardia da unidade.

FREI TITO FIGUEROA DE MEDEIROS E ANTÔNIO MOTTA, (org), Entre Espelhos e Refletores, CRB - Loyola, 2001.

própria conversão da Igreja e não apenas em um caminho no qual a Igreja propõe mudanças ao mundo que ela mesma não aceita viver.

Padres e bispos que vivem o modelo eclesiológico de neo-cristandade insistem: a "inserção" das religiosas e religiosos consiste em assumir paróquias e ajudar na Pastoral Orgânica das dioceses. As irmãs são meras auxiliares do clero, com os trabalhos e tarefas de "agentes de pastoral", mas sem ter o estatuto de pastores ou pastoras. As/os religiosas/os "servem" onde não tem padre ou em lugares tão pobres e difíceis que os padres não queiram viver lá.

Pelo fato da maioria das congregações masculinas serem clericais, os religiosos não ordenados têm dificuldade de propor outras formas de inserção, até mesmo a seus superiores e capítulos da congregação ou província. No caso das irmãs, os conflitos se dão mais no âmbito das dioceses e paróquias. As religiosas sentem que são aceitas como "agentes de pastoral" e não como religiosas, enquanto o bispo não tenha padres para coordenar o trabalho que, hoje, as irmãs fazem. O estranho é que muitas irmãs percebem isso e aceitam. E não são apenas as mais velhas ou tradicionais. Isso acontece mesmo com algumas que trabalham em linhas de Teologia Feminista e de Gênero. Será que, fortalecendo este modelo machista e clerical de Pastoral, as religiosas estão exercendo seu papel profético na Igreja e no mundo? Seria esta a inserção da vida religiosa no mundo dos pobres, neste início de milênio? Tal atividade ajuda verdadeiramente as irmãs a unificar suas vidas e viver a vocação de religiosas?

# 2.2. O desafio de viver a inserção pertencendo a Congregações que não mudam sua Eclesiologia e sua própria concepção de Vida Religiosa.

A profecia da inserção amorosa de religiosas/os atingiu alguns setores dentro das congregações, mas não conseguiu tocar na estrutura mesma da Vida Religiosa. Milhares de documentos e estudos têm sido feitos e são positivos, mas dependem da experiência vivida. E esta é sempre frágil. A Vida Religiosa inserida continua e resiste a ataques e indiferenças. Mas, como dizia Carlos Mesters, referindo-se às Cebs, é uma "flor sem defesa"<sup>3</sup>. Se, em Roma ou na sede da Congregação sopram outros ventos e vem o frio do inverno, tudo tende a voltar ao "de sempre".

É difícil manter e aprofundar, hoje, a inserção da Vida Religiosa se os irmãos e irmãs inseridos devem viver uma terrível esquizofrenia cultural e espiritual, nadando em dois mundos separados e diametralmente opostos culturalmente: o mundo da inserção e o ambiente interno da Congregação em seus conventos e encontros.

# 2.3. O desafio de redefinir a nossa identidade.

"Viver é muito complicado", repetia o Riobaldo de Grande Sertão Veredas. No tempo imediatamente seguinte ao Concílio Vaticano II, quando as comunidades começaram a se renovar e cami-

CARLOS MESTERS, Flor sem Defesa, 1º Encontro Intereclesial de Vitória – 1975, Ed. Vozes, 1976. p. 44.

CONVERGÊNCIA

nhar na direção da inserção, um dos assuntos mais discutidos era a "identidade da Vida Religiosa". O que constitui propriamente o ser religiosa/o?

Sublinhou-se que a vocação religiosa é simples radicalização do batismo. É vocação carismática e não faz parte da estrutura ministerial da Igreja. A missão dos religiosos/as é ser sinal do Reino de Deus e da vocação universal à santidade. Penso que uma tradução atual deste caminho é juntar em nosso jeito de ser religioso/a um aspecto carismático e pentecostal a uma dimensão críticoprofética de transformação do mundo.

Em todas as épocas, o ser humano sempre foi complexo. A tarefa da simplificação do coração é um processo pedagógico e espiritual, ao qual a vida religiosa quer servir como método e cujo objetivo é a santidade, a identificação com Deus. Hoje, mais do que em outras épocas, vivemos em um mundo no qual todos estão em crise de identidade: a família, a escola, a política, as profissões, os ministérios nas Igrejas... E exatamente nesta sociedade, os religiosos abandonam tudo o que de alguma forma favorece as pessoas se sentirem elas mesmas no mundo: a autonomia, a propriedade própria, o dinheiro, seus sonhos particulares, a relação de amor no casamento ou em uma vida a dois... O mundo pluralista e de comunicações rápidas atrai nossa atenção para muitas atividades e interesses. Para a maioria das pessoas, a Vida Religiosa não é a única pertença, único "mundo cultu-

ral", única referência de identidade, o que

não diminui a opção e a seriedade de vida

destas pessoas consagradas.

Em novembro de 2000, a União dos Superiores Maiores em Roma publicou um documento como subsídio para a reflexão dos que cumprem o serviço da animação dos Institutos Religiosos. Este documento afirma: "É importante evitar qualquer simplificação ingênua da vida consagrada, como 'definir-se unicamente como religiosos, pertencentes a um instituto religioso'. Entre os seres humanos, não existe identidade simples. A identidade humana é complexa, resultado de múltiplas relações e pertenças. O amadurecimento pessoal nos leva a integrar esta complexidade na coerência e harmonia. Embora a vocação à vida consagrada seja um elemento catalisador da identidade complexa, ela não elimina outros aspectos da identidade, mas integra-os e os assume. Uma concepção simplista ou simplificada da identidade ca-

Esta reflexão toma como quadro cultural o mundo moderno e urbano, a cultura européia ou americana, mas ela vale também como desafio para a inserção popular, talvez até com mais acuidade. Quanto mais firme em minha identidade eu me encontrar, mais capaz serei de me inserir em uma realidade diversa da minha e viver a comunhão com as pessoas e grupos que ali vivem. Mas, se esta minha identidade for muito estreita, arrisca-se a quebrar com facilidade e eu ser um quando estou no convento e outro quando estou com os pobres ou em minha inserção na realidade popular tão complexa e mais ainda, complicada.

rismática empobrece a pessoa, a torna

fanática e fundamentalista"4.

<sup>4.</sup> COMISSIONE TEOLOGICA UNIONE SUPERIORI GENERALI, *Nel Tempo di Cambiamento*, in Testimoni, 30/04/2001, p. 25.

A opção de inserir-se no mundo dos empobrecidos e de testemunhar o amor de Deus em condições de pobreza e partilha da dor dos pequeninos é, antes de tudo, graça de Deus. O Padre Libânio insiste: "Optar pelos pobres é graça. Só a graça de Deus capacita a pessoa a sair de seu egoísmo, comodismo, interesse de classe e optar pelos pobres, marginalizados. A comunidade inserida implica essa opção de graca"5. Não é por intenção expansionista de "internacionalizar" a congregação e continuar o colonialismo que, hoje, províncias das irmãs Dominicanas de Montreuil, das irmãs de Jesus Crucificado, da Divina Providência e outras, mesmo contando com pouças irmãs e muitos trabalhos resolvem fundar casas de inserção na República Dominicana, no Peru, em Angola ou no Timor Leste.

Esta graça de Deus pode ocorrer gratuitamente em religiosos e religiosas como uma intuição repentina ou como um apelo forte nascido de repente. Entretanto, Deus fala pela história. Devemos nos perguntar se, hoje, as estruturas de formação dos religiosos e religiosas favorecem este caminho ou, mesmo sem querer, acabam fortalecendo um modelo de Vida Religiosa voltado para a própria congregação, gerando pessoas narcisistas e acomodadas.

Na América Latina, quando, após o Concílio e Medellín, aprofundou-se a inserção das comunidades religiosas, o traço marcante foi a participação nas lutas e trabalhos sócio-políticos pela libertação. O martirológio latino-americano foi

enriquecido por muitos irmãos e irmãs. mártires que deram a vida pelo povo. No Brasil, os nomes do Padre João Bosco Penido Burnier, do irmão Vicente Cañas, da irmã Adelaide Molinari, da irmã Cleusa Coelho e de tantos outros atualizam o testemunho profético da Vida Religiosa. No momento atual, este caminho continua válido e a prova disso é a importante presença e testemunho de muitos irmãos e irmãs em acampamentos de sem-terra, favelas urbanas muito violentas, aldeias indígenas, outras áreas de risco e o além fronteiras do Brasil. Entretanto, alguns desafios que, desde o início da caminhada das comunidades. eram presentes na luta, a partir da década de 90, tomaram nova forca e desafiam nossa inserção. São principalmente as questões culturais e de gênero.

Há décadas, algumas Congregações como as Missionárias de Jesus Crucificado aceitam que as irmãs negras tenham entre elas encontros específicos. Assim, podem dar ao conjunto da Congregação a contribuição própria que vem de sua cultura. As irmãs da Divina Providencia têm algumas religiosas indígenas que levaram a província do Centro-Oeste a rever seu estilo de vida e organização, até algum tempo, naturalmente estruturados conforme a cultura das generosas irmãs do sul que fundaram a província. Novamente aí, é importante que a "inculturação" não seja algo justaposto à vida cotidiana e real. Não se trata de assumir categorias e expressões negras ou indígenas como alquém que veste

<sup>5.</sup> JOÃO BATISTA LIBÂNIO, Vida Religiosa sempre a renascer, São Paulo, Ed. Paulinas, 1995, p. 85.

roupas coloridas para dançar, mas depois do espetáculo volta ao modelo de sempre. Não adianta assumir cânticos, gestos e símbolos da cultura negra como se fossem folclore e estratégia de comunicação com pessoas e comunidades negras. A verdadeira "inserção" exige conversão do coração àquela sensibilidade e modo de orar e louvar a Deus. As comunidades religiosas inseridas podem dar sobre isso uma colaboração indispensável.

Dentro deste mesmo horizonte cultural, muitas religiosas têm buscado inserir-se na Pastoral da Saúde, com trabalhos em linhas de "Medicinas" alternativas e populares.

Também na área própria da Teologia Feminista, as religiosas inseridas têm dado uma contribuição preciosa e específica. Para dar um exemplo, é a sua inserção fiel e corajosa em um bairro de periferia do grande Recife que possibilita a irmã Ivone Gebara, junto com outras companheiras, dar preciosa e original contribuição que tem dado à Teologia Feminina Latino-americana. Junto com Ivone, muitas religiosas e religiosos estão desenvolvendo, em sua inserção nas comunidades, uma leitura da Bíblia a partir da questão de gêneros e uma Teologia Ecofeminista. Esta reflexão abre toda um vasto campo de inserção: a espiritualidade e o engajamento na defesa e comunhão com a natureza e todo o universo.

As irmãs, aventurando-se no campo ecofeminista, estão redescobrindo a originalidade feminina e feminista da vocação religiosa. Como esquecer que as primeiras regras para a Vida Religiosa foram escritas para mulheres? Mesmo tendo sido compostas por homens como Agostinho e Pacômio (que escreveu sua regra para o mosteiro da sua irmã Maria), elas refletiam uma Vida Religiosa como experiência originalmente feminina. Mesmo se as regras impuseram às mulheres um estilo de Vida Religiosa com estruturas

machistas, a experiência original foi a iniciativa de mulheres que, no século III e IV, tiveram suficiente coragem e liberdade para se tornar independentes do pai (patriarca) que era praticamente proprietário ou dono de suas vidas e de um inevitável marido, contratado pela família que as herdaria, como se recebe uma terra ou propriedade. Naquele tempo, em meio a todas as convulsões sociais que abalavam o mundo greco-romano, mulheres, de famílias nobres como Melânia, ou pobres como Sara e Sinclética, deixaram famílias e sociedade vigente e se embrenharam nos desertos. De lá, acompanhavam pessoas em seus caminhos para Deus e constituíram comunidades de mulheres consagradas. Hoje, quando se fala em refundação, é

## 4- PISTAS NOVAS PARA UMA NOVA INSERÇÃO

Há pouco tempo, conversando com artistas e intelectuais não cristãos, perguntei como andava entre eles a credibilidade da Igreja Católica como uma instituição que ajudava a construir um mundo melhor. Vários deles me responderam: "Em meio a muitas contradições e a coisas com as quais não concordamos,

importante lembrar este caráter femini-

no das origens da Vida Religiosa cristã.

somos tocados pelo testemunho comovente do papa em seu constante esforço em dialogar com as outras religiões e em valorizar as outras culturas". Um deles continuou: "É pena que esta mística do papa não pareça contagiar os bispos e religiosos pelo mundo afora".

É verdade que, neste campo, mesmo os meios mais tradicionais da Igreja são muito menos ligados ao papa. A insistência no Diálogo Inter-religioso que na América Latina aprofundamos como "Macroecumenismo" não é apenas uma estratégia pastoral ou necessidade de momento. Obedece a um apelo espiritual de busca de Deus, cujo Espírito se revela a nós como se revela aos outros e devemos dar este testemunho até como forma de lhe agradecer tanto amor e abertura.

A Vida Religiosa se caracteriza pela radicalidade da busca de Deus que nos chamou e nos atrai para que o busquemos sempre mais. Um modo fundamental de viver isso atualmente é engajar-se neste diálogo e nesta sensibilidade de respeito e amor pelos caminhos espirituais diversos, presentes ao nosso redor. No Brasil, isso nos pede principalmente uma atenção maior e privilegiada pelas expressões espirituais dos grupos negros e indígenas. Até para dar à vida religiosa um rosto mais negro e indígena. Não se trata de um trabalho pastoral no qual entramos como "agentes", mas de uma presença discreta e amorosa que vivemos gratuitamente como discípulos e discípulas do Cristo em meio aos irmãos que buscam a Deus em outros caminhos espirituais.

Em 1925, o papa Pio XI incentivou a criação do Mosteiro de Chevetogne na Bélgica para ser ponto de unidade entre a Igreja Latina e as Igrejas Orientais. João Paulo II tem falado na vocação ecumênica das comunidades religiosas, não necessariamente no sentido de todas assumirem a Pastoral Ecumênica como trabalho. O mais importante é aprofundar a dimensão ecumênica da própria vocação e do modo de vivê-la em nossas comunidades em tudo o que fazemos.

Na sua assembléia de 2000, a CLAR propôs para as comunidades religiosas no continente irmos preparando e aprofundando nestes primeiros anos do novo milênio um "Concílio da Vida Religiosa". Sei que a proposta e o próprio termo "Concílio" não foi aceito pelo Vaticano. Espero que, independentemente do nome que for aprovado, possamos viver, a partir das bases, um processo de diálogo e busca, necessários a toda a Vida Religiosa. De vários setores e nas mais diversas regiões do mundo, bispos e fiéis têm proposto ao papa que este convoque um Concílio verdadeiramente ecumênico, sinal e testemunha do compromisso das Igrejas pela paz, justiça e defesa da criação.

No caso do processo de diálogo e descobertas sobre a Vida religiosa, ele deve ser verdadeiramente macro-ecumênico e construído em comum com religiosos e não religiosos/as. Então, atualizaremos a proposta de Medellin: "Que se dê à nossa Igreja (e poderíamos dizer hoje, a nossas comunidades) o rosto de uma Igreja pobre, servidora e pascal, aberta a toda humanidade e verdadeiramente comprometida com a vida e a libertação de todo ser humano e do ser humano por inteiro" (Med. 5,15)

# QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU EM COMUNIDADE

- 1. Como em nossa vida de cada dia privilegiar o aspecto gratuito das relações e testemunhar a prioridade do nosso ser consagrado e não tanto tarefas e trabalhos profissionais?
- 2. Como ajudar as Congregações e Institutos a serem tocados e transformados pela experiência dos seus membros mais inseridos na realidade dos mais pobres?
- 3. Como aprofundar e expressar o caráter ecumênico de nossa vocação consagrada?

Amarcelo Barros

Endereço do autor:

Caixa Postal: 05

76600-000 - Goiás - GO

Tel.: (62) 371-1856

É importante evitar qualquer eimplificação ingênua da Vida Coneagrada, como 'definir-ee unicamente como religioeoe, pertencentee a um inetituto religioeo'.

Entre oe eeree humanoe, não exiete identidade eimplee.

A identidade humana é complexa, resultado de múltiplae relações e pertenças. O amadurecimento pessoal nos leva a integrar esta complexidade na coerência e harmonia.

Embora a vocação à vida coneagrada seja um elemento catalisador da identidade complexa, ela não elimina outros aspectos da identidade, mas integra-os e os assume.

Uma concepção simplista ou simplificada da identidade carismática empobrece a pessoa, a torna fanática e fundamentalista"

# Seguimento de Jesus:

# caminho para a fraternidade

# e a comunhão trinitária

IR. VERA IVANISE BOMBONATTO, FSP

O momento histórico em que vivemos é extremamente complexo e contraditório. Nossa geração está se tornando, cada vez mais, individualista e, ao mesmo tempo, anseia por autênticas relações interpessoais e comunitárias; destrói com facilidade os laços familiares e sonha constantemente com o aconchego paterno e materno; acredita nos ídolos do poder, do ter e do fazer, distanciando-se do Deus de Jesus Cristo e, concomitantemente, sente a angústia do vazio deixado pela ausência de uma radical experiência de fé e de gratuidade que encha de sentido o horizonte de sua existência.

Neste tempo de refundação, esta realidade conflitiva do ser humano coloca um grande desafio para a Vida Religiosa, chamada a seguir radicalmente Jesus e a proclamar a boa nova do Reino sobre os telhados (cf. Mt 10,24). Como testemunhar ao interlocutor pós-moderno que Deus é Pai e tem um coração cheio de ternura e de misericórdia para conosco seus filhos e suas filhas? Como anunciar às pessoas de hoje, Jesus Cristo, como o enviado do Pai, na força do seu Espírito? Como testemunhar que em Jesus, Deus nos chama à fraternidade universal e à comunhão trinitária? Como transformar nossas relações fraternas e sociais, criando uma sociedade baseada na fraternidade, na paz, na justiça, na solidariedade e no amor?

Estas questões tocam o coração da Vida Religiosa e de sua missão profética numa sociedade tecnológica e globalizada. Por isso, gostaria de propor uma reflexão sobre o nosso testemunho de seguimento de Jesus como caminho para a vivência da fraternidade universal e a comunhão trinitária. Vamos considerar os seguintes aspectos: a experiência filial de Jesus (1); no caminho de seguimento, aprendemos de Jesus e com Jesus a chamar a Deus de Pai e a viver como filhos (2); a vida de Jesus: lugar da manifestação do Espírito (3); no caminho de seguimento, aprendemos de Jesus e com Jesus a viver segundo o Espírito (4); o ato de fé em Deus Trindade (5); a comunhão trinitária: meta do seguimento (6).

## 1. A EXPERIÊNCIA FILIAL DE JESUS

Em sua vida terrena, Jesus de Nazaré não fez de si mesmo o centro de sua pregação e de sua missão. Sua vida foi descentrada de si mesmo e centrada em torno de duas realidades fundamentais da fé cristã: *Reino de Deus e Pai*<sup>1</sup>.

Reino de Deus não é um território sobre o qual Deus tem total domínio, mas é o seu modo de atuar no mundo, mediante o qual vai libertando toda a criação dos males, do pecado, da enfermidade, das divisões e da morte e implantando o amor, a fraternidade e a vida<sup>2</sup>. É o projeto do Pai que Jesus veio ao mundo para realizar.

Pai é o princípio e o horizonte último da realidade, a fonte da qual jorra a vida desde toda a eternidade, o mistério inesgotável e invisível, que se tomou visível no Filho Jesus: "Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação" (cf. Cl 1,15). Na sua realidade de Filho, Jesus, durante sua vida pública, não falou de si próprio, de seus projetos, de sua utopia, de sua vontade; falou incessantemente do Pai com quem vivia em profunda e constante comunhão. Ele revelou o Pai: "Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está voltado para o seio do

Filho, o Primogênito entre muitos irmãos (cf. Rm 8,29) se defrontou com a complexidade da vida e da história e se viu forçado a buscar e a dar sentido à própria existência. Os evangelhos se referem à

Pai, este o deu a conhecer" (Jo 1,18).

Como todo o ser humano, Jesus, o

radical experiência de Deus que Jesus fez como algo absolutamente central em sua vida. Ele buscou incessantemente a Deus, abriu-se a ele, dialogou com ele, descansou nele, deixando-o ser Deus<sup>3</sup>.

A vida e a missão de Jesus tem como pressuposto fundamental uma experiência íntima e pessoal com Deus, que ele chama de *Abba* que significa meu paizinho, expressão de carinho, confiança e segurança usada pelas crianças ao se dirigirem a seu pai. Jesus se dirige a Deus com a simplicidade e abandono de uma criancinha.

Abba encerra o segredo da relação íntima de Jesus com seu Deus e de sua missão em nome desse Deus. Jesus se sente enviado a desvendar os segredos do Reino aos pequenos e pobres: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção, para anunciar a boa nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça da parte do Senhor" (cf. Lc 4,18-19).

Ao revelar o rosto de Deus como Pai, Jesus revela sua própria condição de Filho Unigênito com uma relação singular e irrepetível com Deus Pai. Ele é a revelação do Pai, o sacramento do Pai. "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,9). Quem contempla Jesus, contempla o rosto do Pai. No Filho, o Pai, transcendente, inacessível, aquele que ninquém podia ver e continuar vivo

<sup>1.</sup> SOBRINO, J. Jesus, o Libertador: I - A História de Jesus de Nazaré, p. 105.

<sup>2.</sup> BOFF, L. O Pai-nosso, p. 67-76.

s. SOBRINO, J. Jesus, o Libertador: I – A História de Jesus de Nazaré, p. 202.

(cf. Ex 33,20) toma-se um de nós, de carne e osso como nós, humano como nós.

Jesus é o "Filho Unigênito", e seu Pai é o Deus e Pai de Israel: de Abraão, de Isaac e de Jacó; o Deus e Pai de todos os povos e de todas as criaturas. Ele é o primogênito, o irmão que representa o Pai junto aos demais, o responsável por todos os irmãos, que vem para fazer a vontade do Pai em favor de seus filhos. A filiação é algo essencial à pessoa de Jesus. Para Jesus, ser, significa ser filho. Sua personalidade é filial e todo o seu ser e agir são filiais. Jesus vive, sente, trabalha, sofre e reza nesta dimensão filial.

Jesus revela o amor maternal e compassivo de Deus pelos pobres; reconhece sua sabedoria, sua ação e sua presença nos pequenos. Exultando no Espírito, ele exclamou: "Eu te louvo ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultastes estas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos" (Mt 11,25).

Jesus veio do Pai e se tornou caminho para o Pai. O amor de Jesus pelo Pai leva-o a querer só e sempre a sua vontade e a fazer dela o alimento de sua existência." Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar plenamente a sua obra" (Jo 4,34).

Para conhecer o rosto e o coração de Deus Pai, sentir-nos amados por ele, tornar-nos filhos, temos um caminho seguro: seguir os passos de Jesus.

# 2. NO CAMINHO DE SEGUIMENTO, APRENDEMOS DE JESUS E COM JESUS A CHAMAR A DEUS DE PAI E A VIVER COMO FILHOS DE DEUS E COMO IRMÃOS (ÃS) ENTRE NÓS.

Para os discípulos que seguiram o Mestre Jesus nas estradas da Palestina, responder ao seu chamado implicou numa ruptura com o passado e no misterioso começo de uma existência radicalmente nova. Significou entrar numa relação-comunicação profunda e vital com Jesus, assimilando seus ensinamentos e partilhando com ele a vida, a missão e o destino. Significou, por conseguinte, viver a experiência de fraternidade universal e da comunhão trinitária.

Seguir a Jesus, para os discípulos, implicou numa dúplice relação: de proximidade e de movimento: estar com Jesus (Mc 3,14); manter-se ao seu lado nas provações (Lc 22,28); ter os mesmo senti-

mentos e atitudes de Jesus (Fl 2,5); tornar-se filho no Filho (Rm 8,29) ter os olhos fixos em Jesus (Hb 12,12). O caminho de seguimento foi, para os discípulos, um processo, radical e transformador, em que Jesus lhes revelou o Pai, lhes ensinou a viver segundo o Espírito e a entregar a própria vida para tornar o mundo mais fraterno, justo e solidário. O seguimento tornou-se, desta forma, o lugar por excelência da fraternidade e da contemplação do mistério de Deus em sua realidade trinitária.

Os séculos passaram, mas a voz de Jesus não passou. Ele continua chamando ainda hoje. Como para os primeiros discípulos, nossa resposta implica numa rup-

CONVERGÊNCIA

tura como passado e no início de um caminho novo e dinâmico em que ele nos revela os segredos do Pai e nos envia o Espírito Santo. Na experiência do seguimento, aprendemos de Jesus a chamar a Deus de Pai e a viver segundo o Espírito: a testemunhar ao mundo que Deus é Pai

e nós somos todos irmãos, templos do

Espírito Santo que habita em nós. No processo de seguimento, Jesus revelou aos seus discípulos, por meio de seus ensinamentos, de suas atitudes e de sua missão, que Deus é Pai e os convidou a entrar no dinamismo profundo de sua vida: a relação filial com Deus. A exemplo dos primeiros discípulos, nosso da vingança. seguimento parte de um chamado que espera uma resposta e comporta a introouvimos, muitas vezes, a pergunta: "Mosdução progressiva na experiência filial tra-nos o Pai, e isso nos basta!" Qual será de Jesus com Deus. É no caminho de sea nossa resposta? Precisamos colocar-nos

O sequimento não é um caminho de poder, de grandeza, de prestígio, mas de simplicidade, de fraqilidade, de serviço e de sofrimento, como expressão do amor maior a Deus e aos irmãos, particularmente aos pobres e pequenos.

amor filial, terno e misericordioso.

quimento que Jesus nos revela que Deus

Jesus não apenas chama a Deus de Pai, mas nos ensina também a invocá-lo como nosso Pai, com a sua mesma confiança e abandono. Apesar do progresso da ciência, do conforto e bem-estar gerados pela pós-modernidade, as pessoas hoje trazem no íntimo do seu coração um

desejo sufocado, o mesmo que atormen-

tou Felipe que ousou pedir: "Senhor, mos-

tra-nos o Pai, e isso nos basta!" Jesus res-

ponde: "Há tanto tempo estou com convosco e não me conheces, Felipe? Quem me viu, viu o Pai: como pedes que te mostre o Pai?" (cf. Jo 14, 9). O Pai é o espaço vital de Jesus e Jesus é o espaço da manifestação do Pai.

No inconsciente religioso de muitos

cristãos, Deus é um ser distante, autoritário e juiz severo que castiga e se vinga de nós quando e como quer. Desta concepção nasce o medo, a angústia, a incapacidade de diálogo filial, de entrega confiante. E consequentemente também as atitudes anti-fraternas da violência, da opressão, da incapacidade de perdoar, Em nossa missão, hoje, também nós

é nosso Pai, nos ensina a viver como fito e aprender de Jesus quem é o Pai para lhos e a testemunhar ao mundo seu testemunhá-lo ao mundo de hoje. Participar do conhecimento e do amor de Jesus acerca de Deus como Pai, implica em adquirir a sabedoria profunda e a energia vital do seu Espírito.

> Deus, a quem Jesus chama de Pai, se revela na História e nos convida a

> decididamente no caminho de sequimen-

caminhar com ele, praticando a justiça e amando com ternura (cf. Mq 6,8). É o Deus da vida que rompe com todos os esquemas, que não se deixa aprisionar pelas leis, normas e tradições. Um Deus que opta pela vida, particularmente a vida ameaçada dos pobres.

Tornar-nos filhos no Filho implica em assumir, na nossa existência cotidiana, o modo de viver filial de Jesus que agia movido pelo Espírito.

# 3. A VIDA DE JESUS: LUGAR DA MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO

Os evangelhos mostram que, em sua vida terrena, Jesus foi constantemente movido pelo Espírito. A vida de Jesus foi o lugar por excelência da manifestação do Espírito. O teólogo Jon Sobrino afirma: "A história de Jesus, sua práxis, sua atividade, seu destino estão perpassados de espírito de forma histórica e palpável. São o lugar da manifestação do Espírito de Deus"<sup>4</sup>.

O Espírito envia Jesus não como força extrínseca, mas configurando-o íntima e pessoalmente a partir do seu próprio ser, esta força tem como objetivo realizar a missão de Jesus; é uma força para proclamar a boa nova aos cativos, dar vista aos cegos e libertar os oprimidos (cf. Lc 4,16-19). O Espírito é, em Jesus, força, energia, vigor: "uma força sai dele" (cf. Mc 5,30; Lc 8,46).

É importante notar que a vida e a práxis de Jesus nas quais se manifesta o Espírito são realidades históricas e, por conseguinte, não deixam lugar ao intimismo e à alienação. Jesus está e fala no Espírito que se expressa em sua vida de forma concreta. Podemos lembrar algumas manifestações do Espírito na vida de Jesus.

Espírito de novidade e de futuro: Jesus foi um ser extremamente aberto ao novo em todas as dimensões da realidade, até mesmo na dimensão teologal. Ele se abre à novidade de Deus Pai, próximo, mas que, ao mesmo tempo, continua sendo mistério. Espírito de liberdade: Jesus se mostrou totalmente livre diante da lei, do culto e das tradições religiosas; o exercício da liberdade teve sempre em vista o amor, a justiça, a misericórdia para com os pobres, marginalizados e vítimas.

Espírito de discernimento: Jesus se colocou diante de Deus, com simplicidade e confiança, para discernir a sua vontade acerca da missão que ele lhe confiara.

Espírito de oração: Jesus viveu constantemente voltado para o Pai, sua vida está perpassada pelo espírito de oração, e o momento de maior intimidade é quando ele o chama de *Abba*, Pai (cf. Mc 14, 36).

Espírito de gratuidade: Jesus considera sua vida e tudo o que o rodeia como dons da bondade e da ternura do Pai e age sempre com total gratuidade<sup>5</sup>.

Além dessas manifestações do Espírito na vida de Jesus, existem outras relacionadas com as situações de opressão e de libertação, de conflito e de martírio, que são: espírito de vida: Jesus dedicou sua vida à defesa daqueles a quem a vida é negada, os pobres e marginalizados; espírito de verdade: Jesus falava com autoridade; espírito de amor e de misericórdia: o mandamento novo do amor é que orienta a vida de Jesus.

Em sua atividade missionária, quando Jesus cura, liberta, está doando o Espírito do Pai que está nele. Quando ele envia os discípulos em missão para que anunciem o evangelho, ele lhes oferece o mesmo Espírito, para que ajam na li-

SOBRINO, J. "Luz que penetra las almas". Espíritu de Dios e seguimiento lúcido de Jesús. Sal Terrae, n. 1008, p. 4.

<sup>5.</sup> SOBRINO, J. A fé em Jesus Cristo: Ensaio a partir das vítimas, p. 485-487.

berdade e na gratuidade. O Espírito é o laço de comunhão que dilata a pessoa e a missão de Jesus, que inclui os discípulos na vida missionária e faz com que todos experimentem a mesma filiação e capacidade de viver e morrer pelo mesmo projeto.

O Espírito é memória e imaginação de Jesus: memória que faz voltar sempre de novo a Jesus de Nazaré e propiciar vida juigta para os pobres e, ao mesmo tempo, nos introduz na verdade plena e nos capacita a fazer coisas melhores que Jesus; imaginação que nos faz perguntar constantemente: o que diria e faria Jesus hoje? Com certeza, anunciaria o reino de Deus aos pobres e se colocaria a serviço deles, denunciaria o anti-reino e, por isso, entraria em conflito com os poderosos<sup>6</sup>.

Para aprender a viver e a agir segundo o Espírito, temos um caminho seguro: seguir os passos de Jesus.

# 4. NO CAMINHO DE SEGUIMENTO, APRENDEMOS DE JESUS E COM JESUS A VIVER SEGUNDO O ESPÍRITO

A vida de Jesus está, toda ela, perpassada pelo Espírito. Consequentemente, o seguimento, que consiste em ser e viver como Jesus, é, para nós, o lugar privilegiado da manifestação do mesmo Espírito. É o Espírito que faz do ser humano seu templo, configurando-o ao Filho e possibilitando-o chamar Deus de Pai, como Jesus chamava.

O seguimento como lugar da manifestação do Espírito engloba outras realidades, tais como: a oração, a liturgia, a contemplação da natureza. Mas, o desígnio de Deus é que somos chamados a ser "filhos no Filho", isto é, a reproduzir na história a vida de Jesus.

Na vida do cristão, seguimento de Jesus e Espírito não são realidades que coexistem simplesmente de forma justaposta, nem são realidades que geram forças contrárias, mas cada uma corresponde a um âmbito distinto da realidade. O teólogo Jon Sobrino, explica esta realidade

usando uma mentáfora para ele, o seguimento é a linha mestra traçada por Jesus para caminhar e o Espírito é a força que nos capacita a caminhar real e atualizadamente por esse traçado, ao longo da história.

Esta relação entre sequimento e Es-

pírito é particularmente importante, nes-

te momento histórico em que proliferam movimentos considerados como manifestações extraordinárias do Espírito. É preciso reafirmar, com clareza e convicção, que o verdadeiro lugar da manifestação do Espírito é o seguimento de Jesus que implica em reproduzir e atualizar a vida histórica de Jesus: encarnação na realidade dos pobres, missão libertadora em favor das vítimas, conflito com os opressores, perseguição e cruz, ressurreição como plenitude histórica e transcendente.

O Espírito de Deus sopra onde e como quer. Mas, tem um lugar determinado de atuar, recordar e imaginar em que

<sup>6.</sup> SOBRINO, J. El Espíritu, memoria e imaginación de Jesús en el mundo. "Supervivencia" y "civilización de la pobreza", Sal Terrae, n. 966, p. 181.

<sup>7.</sup> SOBRINO, J. A fé em Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas, p. 485.

seu sopro é real e tem a força de um vendaval. Esse lugar é, sem dúvida, o seguimento de Jesus, que se torna, critério de autenticidade das manifestações do Espírito<sup>8</sup>.

Dentre as múltiplas e variadas manifestações do Espírito, podemos lembrar: o Espírito como luz para iluminar a verdade que está relacionada com a historicidade da comunicação com Deus. A verdade de Deus se torna presente em Jesus, mas precisa ser completada: "quando ele vier, os guiará à verdade completa" (Jo 16,13).

Além de nos conduzir do não-saber ao saber, o Espírito é força para desmascarar a mentira do mundo. Em todos os campos das relações sociais, existem, hoje, mentiras e ocultamento da verdade. Superar esta situação de mentira estrutural e institucionalizada é um milagre do Espírito.

A fé cristã gerada em nós pelo Espírito de Jesus e do Pai nos permite crer no passado de Jesus Cristo como nosso presente e nosso futuro. "A fé é uma posse antecipada do que se espera, um meio de demonstrar as realidades que não se vêem" (Hb 11,1). O caminho que Jesus percorreu é o nosso caminho. E nada nos acontecerá que não passe pelo que já aconteceu com ele. Se o Espírito do próprio Deus está em nós e nos quia, tudo o que fazemos será obra dele em nós e, por onde passarmos, deixaremos as marcas do próprio Deus que age em nós e seremos testemunhas de fé em Deus uno e trino.

#### 5. CRER EM DEUS TRINDADE

No caminho de seguimento, aprendemos a viver a fraternidade e a comunhão com Deus trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Nossa expressão de fé adquire um colorido próprio diretamente relacionado com as pessoas da Trindade às quais se dirige. Crer no Pai é entregar-se confiante e obediente, aceitando seu mistério absoluto, origem e fim de tudo; crer no Filho significa reconhecer em Jesus a expressão maior do amor do Pai e seguilo na dialética da cruz e da ressurreição; crer no Espírito é prosseguir o caminho de Jesus que nos leva ao Pai<sup>9</sup>.

No seguimento, a totalidade da nossa fé é expressa na totalidade desses "crer em" e na sua mútua relação. Jesus, o Verbo feito carne, é o enviado do Pai e o caminho que nos conduz a ele como origem e consumação da salvação. O Espírito é o dom vivificante do Pai, que se manifestou em Jesus e que age em nós e nos leva ao Pai, tornando-nos filhos no Filho.

A fé cristã tem uma estrutura trinitária. Acontece no Espírito que o Pai envia para aceitar o Filho e por ele voltar ao Pai. Começa, portanto, pelo Pai enviando o Filho e termina no Pai por meio do encontro com o Filho. A fé é sempre um caminhar, uma busca pessoal e comunitária da Trindade. Crer é comungar com a Trindade e com os irmãos na fé, é criar comunhão e participar na vida da comunidade.

<sup>8.</sup> SOBRINO, J.. "Luz que penetra las almas". Espíritu de Dios e seguimiento lúcido de Jesús. Sal Terrae, n. 1008, p. 8.

<sup>9.</sup> SOBRINO, J. Deus. In: Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo, p. 177.

Seguir a Jesus é participar da mesma missão, do mesmo Espírito de Jesus e do Pai. É participar, em última instância, da missão da Trindade, que começa no Pai e tem seu fim na comunhão com o Pai. Passando pelo escândalo da cruz, o seguimento de Jesus nos leva à consumação do Reino de Deus. Jesus, o Filho, destruiu todos os inimigos e entregou a Deus Pai o Reino para que "Deus seja tudo em todas as coisas" (1Cor 15,24-28).

Ao Reino consumado, à Nova Criação, pertencem os que, ao ressuscitar com Cristo (1Cor 15,12-22), são introduzidos na comunhão trinitária. Com eles e neles, a Criação que gemia submetida à escravidão (cf. Rm 8,18-23) renasce para uma vida nova. A história da salvação possui uma estrutura trinitária; o Reino que o Filho entrega ao Pai está perpassado pelo Espírito Santo. A criação se torna nova ao integrar-se na comunhão com Deus<sup>10</sup>.

Jesus não se explica sem o Pai e sem o Espírito Santo, presente e atuante em sua vida, mas reconhecido com maior clareza depois da Páscoa. O Pai não se explica sem Jesus, o Filho, e sem o Espírito Santo que repousou sobre Jesus. O Espírito Santo não se explica sem o Pai e o Filho<sup>11</sup>. Da mesma forma, cada ser humano, no plano da salvação, só pode definir-se na relação que, com Jesus Cristo e por

Jesus Cristo, estabelece com Deus, chamando-o *Abba*, Pai e com o Espírito que torna possível esta invocação (cf. Gl 4,6).

A nossa relação com as três pessoas divinas implica numa relação de fraternidade universal. Jesus, nosso irmão, assumindo nossa came e nosso sangue, nos torna irmãos, filhos do mesmo e único Pai, vinculados pelo mesmo amor-ágape do Espírito Santo.

A humanidade de Jesus e dos seus seguidores, a realidade social a que chamamos de reino de Deus adquirem sua plena identidade unicamente na relação com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A salvação consiste na incorporação na plenitude da comunhão divina. A comunhão universal, graças a incorporação na comunhão trinitária nunca será produto da ciência ou da ideologia. O caminho para alcançar a comunhão é o do seguimento de Jesus.

Reconhecendo como absoluto o Deuscomunhão, viveremos na fraternidade universal e em harmonia com a criação renovada no amor. No seguimento de Jesus, com ele e nele, definitivamente incorporados em sua ressurreição gloriosa, viveremos no gozo de um mundo novo e na indizível proximidade do mistério santo de comunhão das três pessoas divinas: Pai, Filho Espírito Santo.

<sup>10.</sup> GARCÍA-MURGA, J.R. Seguimiento de Cristo y comunión trinitaria. In: VV.AA. *El seguimiento de Cristo*, p. 427-428.

<sup>11.</sup> GARCÍA-MURGA, J.R. Seguimiento de Cristo y comunión trinitaria. In: VV.AA. *El seguimiento de Cristo*, p. 428-429.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU EM COMUNIDADE

- 1- Nossa vida pessoal e comunitária é espelho do nosso caminho de seguimento de Jesus e testemunha ao interlocutor pós moderno, de forma inteligível, esta nossa opção radical?
- 2- Como testemunhar ao mundo que Deus é Pai e tem um coração cheio de ternura e de misericórdia para conosco, seus filhos e suas filhas?
- 3- Nossas relações fraternas e sociais são baseadas na fraternidade universal, na justiça e no amor?

SUGESTÃO PARA UM MOMENTO DE REFLEXÃO COMUNITÁRIA COM O TEMA: "MOSTRA-NOS O PAI" (Escolher uma gravura que tenha de um lado o rosto de Jesus e de outro esteja em branco.

Recortar esta gravura e distribuir um pedaço para cada participante da oração).

Dirigente: Acolhe os (as) participantes e faz uma breve motivação a partir do texto acima.

1 leitor (a): Éxodo 33,12-23: Súplica de Moisés.

Recitar juntos (as): o Salmo 17: Oração de Davi.

2 leitor (a): João 14, 1-14: Jesus, caminho para o Pai.

Dirigente: Contemplar o rosto de Deus é o desejo mais profundo do ser humano, em todos os tempos e lugares. Moisés suplicou ao Senhor "Mostra-me a tua glória" (Êxodo 33,18); Davi pediu ao Senhor: "Mostra-me os prodígios do teu amor, tu que salvas dos inimigos quem se refugia à tua direita" (Salmo 17,7); Felipe pediu a Jesus: "Senhor mostra-nos o Poi, e isso nos basta" (João 14, 9).

Em nossa vida e missão hoje, também nós ouvimos, freqüentemente: "Mostra-nos o Pai, e isso nos basta!", expressa nas mais variadas formas. Qual é a nossa resposta?

Breve espaço para a reflexão: Cada participante pode sintetizar sua resposta em uma palavra que expresse uma atitude fundamental em nosso caminho de seguimento e poderá escrevê-la no lado branco do pedaço da gravura que recebeu no início da oração.

Partilha: Os(as) participantes partilham brevemente sua resposta e, com pedaço de cartolina na qual está escrita a atitude fundamental, vão reconstruindo o rosto de Jesus.

Dirigente: Conclui fazendo uma síntese das atitudes mais significativas emergidas na partilha e, a partir das quais, no seguimento de Jesus, testemunhamos a ternura e a misericórdia de Deus Pai.

Concluir com um canto.

#### Bibliografia

BOFF, L. A Santíssima Trindade é a melhor comunidade. Petrópolis: Vozes, 1988. FERNÁNDEZ, B. El Cristo del seguimiento. Madri: Publicaciones Claretianas, 1995.

\_\_\_\_\_, Seguir a Jesús, el Cristo. Madri: Publicaciones Claretinas, 1998.

FORTE, B. A Trindade como História. São Paulo: Paulinas, 1987.

LIBANIO, J. B. Eu creio, nós cremos. São Paulo: Loyola, 2000.

SCHÖKEL, L. A. Bíblia do peregrino: Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2000.

💯 Ir. Vera Ivanise Bombonatto, fsp

Endereço do autora:

Rua Domingos de Morais, 678 São Paulo - SP - CEP 04010-100

Tel.: (oxx11) 5085-5241

e-mail: vera@paulinas.org.br

# CONVERGÊNCIA

# A Co-responsabilidade do Leigo na

# Missão e Carisma dos Institutos

Religiosos – um novo capítulo nas

relações entre religiosos e laicato\*

CARLOS FREDERICO BARBOZA DE SOUZA

# **INTRODUÇÃO**

A contribuição que os leigos podem oferecer à vivência do carisma de um instituto religioso bem como à missão deste mesmo instituto é tema de particular importância hoje. Este texto procura abordar, em perspectiva latino-americana, a situação do leigo na Igreja e a mútua colaboração que pode haver entre laicato e Vida Religiosa. Experimentamos na comunidade eclesial um momento fecundo. no qual somos convidados a construir um "novo capítulo" nas relações entre religiosos e fiéis leigos. Caminha-se para uma comunhão de idéias, de ações pastorais, de partilha do carisma e oração, propiciando um intercâmbio de cristãos unidos pelos mesmos ideais.

É pertinente a constatação do documento *Vita Consecrata*, em seu número 54: "Hoje alguns Institutos, freqüentemente por imposição das novas situações, chegaram à convicção de que o seu carisma pode ser partilhado com os leigos. E assim estes são convidados a participar mais intensamente na espiritualidade e missão do próprio Instituto. Pode-se dizer que, no rastro de experiências históricas como a das diversas Ordens Seculares ou Ordens Terceiras, se iniciou um novo capítulo, rico de esperanças, na história das relações entre as pessoas consagradas e o laicado".

O que recebem religiosos e fiéis leigos no compartilhar a vida e a missão? Que esforços devem fazer, e que direção seguir, para aprimorar a comunhão e a co-responsabilidade? Que serviços podem prestar uns aos outros, à Igreja e ao mundo?

<sup>\*</sup> Texto apresentado no Congresso "Misión Única", das Carmelitas del Sagrado Corazón, Guadalajara, México, no dia 30/12/2000. Original em espanhol.

Sentimos um grande anseio de renovação que é propício para que nós, com os pés no presente, lancemos nosso olhar em direção ao passado e, ao mesmo tempo, para o futuro.

Em relação ao passado podemos avaliar nossa história, reconhecer nossos erros e, sobretudo, buscar nossas raízes.

A partir do presente, vemos os desafios que nos cercam e buscamos descobrir os sinais de Deus que se manifestam em nossa história, revelando-nos o que é contrário ao Reino e afirmando os verdadeiros valores que já se encontram em nosso mundo.

Como seres humanos, sempre buscamos a transcendência nos projetando ao futuro. Inspirados no Evangelho, na ação de Deus em nosso meio, na comunidade, sonhamos construir um amanhã que supere os sinais de morte existentes em nossa realidade e que se construa uma nova sociedade, onde se tornem "novas todas as coisas".

Como se apresenta nossa realidade? O que ela nos convoca a realizar? Que missão somos chamados a cumprir?

A situação da América Latina tem se agravado nos últimos anos. Com a globalização e competição acirrada por mercados, impõe-se um capitalismo selvagem que provoca uma crise de valores e de ética, no qual vale mais TER que SER¹, em que o trabalho e a pessoa humana são menos valorizados que o capital e a especulação financeira. O consumismo, o hedonismo e o individualismo que dominam, colocam em questão a própria estruturação das famílias. Estamos cansados disso tudo. Somos

uma cultura que achava que a ciência e a razão resolveriam todos os problemas da humanidade, que o progresso era infinito. E o que vemos? Que nossos problemas se agravaram. Falamos com entusiasmo da tecnologia que construímos, mas, quem tem acesso a ela? Estamos na era da comunicação, mas, de fato, o que os Meios de Comunicação nos comunicam? Que valores e idéias eles nos passam?

Hoje, se não cuidarmos, a vida em nosso planeta poderá ser destruída totalmente; enfrentaremos problemas com nossos recursos naturais, que explorados como se fossem infinitos, agora demonstram o seu esgotamento. O próprio clima já se ressente de tanta interferência humana desordenada na natureza. Num mundo como este, é sintomático que muita desesperança nasça, que os sonhos estejam em crise e que as pessoas procurem se refugiar nos prazeres momentâneos ou na religiosidade intimista e mágica e esquecer as lutas que poderiam construir uma humanidade mais humana.

Conhecemos, na América Latina, um continente rico em expressões culturais e possibilidades mas, ao mesmo tempo, marcado por muita miséria e má distribuição das riquezas. Continente que possui tanta originalidade na forma de sua população ser, mas ao mesmo tempo sofre as marcas de uma auto-desvalorização, que nos leva a buscar sempre os modelos de cultura, organização social, política etc, nos outros países. Encontramo-nos com pessoas simples, acolhedoras e solidárias, da mesma maneira que nos deparamos

<sup>1.</sup> Documento de Puebla (DP), 783.

com uma sociedade violenta, hierarquizada, excludente. Sociedade que se defronta com a distância entre fé/vida² e com estruturas políticas/sociais/econômicas tão desumanas e desumanizantes.

É justamente neste mundo que surgem as lutas pela dignidade da mulher, pelo respeito às diferenças raciais (negros, indígenas, "terceiromundistas", etc). É neste mundo que vemos nascer uma nova busca pela ética, uma luta pela defesa do meio ambiente, pela paz, pelos direitos humanos, pelas minorias, pelas etnias,

pela igualdade, pelo emprego, pelo diálogo inter-religioso... Como latinos-americanos, temos muito a contribuir para o processo de constituição de uma sociedade planetária<sup>3</sup>: somos uma sociedade multiétnica, multirreligiosa, que é capaz de mesclar as raças, de conviver com a diferença<sup>4</sup>, de valorizar os relacionamentos; uma sociedade não rígida, criativa, lúdica, esperançada e com forte sentido místico, o que lhe permite sempre enxergar, além das aparências, uma realidade mais ampla, invisível.

# 2- UM NOVO CAPÍTULO NA HISTÓRIA ECLESIAL

Neste contexto, cheio de ambigüidades, o cristão leigo passa a ser considerado como sujeito e protagonista da missão eclesial e começa, lentamente, a ocupar um novo lugar em seu seio.

No passado, muitas vezes, a Igreja foi entendida a partir de um modelo institucional-hierárquico, onde, de forma piramidal, se encontravam Deus, Cristo, a Hierarquia e os Fiéis, que estavam na base da pirâmide. Neste modelo tradicional, as relações entre leigos e religiosos giravam ao redor do fato de que o saber, a santidade se concentravam nos religiosos (homens)

ao redor dos quais deviam girar as monjas e os leigos.

Um texto escrito no ano de 1140, nos descreve claramente este estado de coisas: "Existem duas classes de cristãos. Uma dedicada ao serviço divino e entregue à contemplação e oração. A ela convém estar longe do ruído das coisas temporais. São os clérigos e os consagrados a Deus (...). A outra classe de cristãos são os leigos. Láos, com efeito, significa povo. A eles está permitido possuir coisas temporais, porém, somente para o uso. Não há, com efeito, nada mais miserável que

<sup>2.</sup> DP, 783.

<sup>3.</sup> Utilizo este conceito de sociedade planetária para evitar o termo globalização, que tem características marcadamente econômicas. Com isto, quero enfatizar que vivemos um processo em que
o contato entre os seres humanos de
diferentes culturas está se tornando mais
freqüente. Por outro lado, quero enfatizar que cresce a consciência de que temos algumas preocupações comuns como
habitantes do mesmo planeta.

<sup>4.</sup> Com esta afirmação não estou fechando os olhos ao racismo que está presente em nossas sociedades, mas enfatizando que somos filhos da conjunção de povos e culturas diferentes. A afirmação a respeito da convivência com a diferença só não se tornará ideológica e "encobridora dos conflitos, especialmente de caráter econômico, se for acoplada, de fato, a uma democracia social e participativa". (Leonardo Boff, "Depois de 500 anos, que Brasil queremos?" Petrópolis, Vozes, 2000).

depreciar a Deus por causa do dinheiro. A eles está permitido tomar esposa, cultivar a terra, julgar e promover causas, pôr oferendas sobre o altar, pagar os dízimos, e assim poderão se salvar, se evitarem os vícios fazendo o bem"<sup>5</sup>.

Essa visão negativa ainda é encontrada na definição de leigo dada pelo Código de Direito Canônico de 19176: leigo é aquele que não é clérigo.

Em uma de suas designações, a palavra leigo, em português, também representa uma negatividade: leigo é aquele que "é estranho ou alheio a um assunto", isto é, "desconhecedor". Assim, existem muitos leigos em política, em medicina, em matemática, em legislação..., ou seja, pessoas que por falta de formação ou por não serem profissionais de uma determinada área, não a conhecem bem.

Também na prática de muitas comunidades eclesiais, considerado como alguém que não domina certo conteúdo e não sendo percebido na singularidade de sua vocação, o leigo é visto, muitas vezes, como um suplente dos clérigos e religiosos (na falta do padre, o leigo pode e deve ajudar na comunidade, evangelizar, preparar o culto...). Para esta mentalidade contribuem vários membros do laicato, uma vez que, de fato, não possuem uma boa formação cristã e, ao mesmo tempo, não assumem sua vocação e missão cristãs.

Hoje tenta-se superar estas definições negativas. O cristão leigo passa a ser caracterizado de maneira positiva nos documentos eclesiais e começa a assumir um papel participativo na vida e missão da Igreja. O Concílio Vaticano II traz uma nova eclesiologia e, com isto, confere ao laicato um novo papel. Fala-se da chamada universal à santidade<sup>8</sup>, da espiritualidade laical, da missão de ser no mundo testemunhas da vida e da ressurreição do Senhor Jesus e um sinal do Deus vivo. Assim, considera-se o leigo uma pessoa incorporada a Cristo pelo batismo, parte integrante da Igreja, concebida agora como Povo de Deus<sup>9</sup> e participante da função sacerdotal, profética e real de Jesus<sup>10</sup>.

A noção de Igreja como Povo de Deus, reforça a concepção de uma Eclesiologia da Comunhão, na qual todos são convidados a participar da vida da comunidade eclesial. Isto gera uma Espiritualidade da Comunhão, que tem sua raiz na própria Santíssima Trindade, que é mistério de comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. São união na diversidade e amor pleno e dinâmico. A Igreja, portanto, "... será fiel à sua vocação na medida em que viva a comunhão que é o Reino, mas a viva aqui e agora sob as condições da história, ou seja, nesse mundo dividido e conflitivo" (cf. Ap 21, 3-4)11.

A Eclesiologia da Comunhão insiste na noção de Igreja como "sacramento universal de salvação". Não uma salvação apenas intra eclesial, mas uma salvação que se realiza no mundo. Aqui está a dimensão de serviço da Igreja à humanidade: "As alegrias e as esperanças, as

Decretum Gratiani, C. 7, C.XII, q. 1, in: Camilo Maccise, A renovação do Carmelo Secular no marco da Nova Evangelização, Iº Congresso Internacional OCDS, Roma, 1996.

<sup>6.</sup> Can 107.

Dicionário Aurélio.

<sup>8.</sup> Lumen Gentium (LG), capítulo V.

<sup>9.</sup> LG, capítulo II.

<sup>10.</sup> LG, capítulo IV, Santo Domingo (SD), 94.

Paulo R. Hottz, "Eclesiologia", nov. 93, mimeo, p. 47.

tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração"<sup>12</sup>. Assim, o mundo adquire um status de lugar da manifestação de Deus e a Igreja é convidada a ler os sinais dos tempos, procurando descobrir "... a irrupção do Reino em sua tensão entre o 'já' realizado e o 'ainda não' alcançado"<sup>13</sup>.

Em 1987, se dá mais um passo na constituição de uma nova concepção acerca do laicato. Realiza-se, em Roma, o 'Sínodo sobre os leigos e sua vocação e missão na Igreja'. Deste sínodo saiu o documento Christifideles laici, que enfatiza a co-responsabilidade dos mesmos na missão da Igreja. "O significado fundamental deste Sínodo e, consegüentemente, o seu fruto mais precioso, é que os fiéis leigos escutem o chamado de Cristo para trabalharem na sua vinha, para tomarem parte viva, consciente e responsável na missão da Igreja, nesta hora maqnífica e dramática da história, no limiar do terceiro milênio"14. Também na América Latina, os documentos de Medellín, Puebla<sup>15</sup> e Santo Domingo<sup>16</sup> afirmam esta co-responsabilidade dos fiéis leigos na

evangelização e transformação segundo o modelo evangélico das realidades temporais, enfatizando seu papel de protagonista no processo evangelizador e apresentando sua responsabilidade frente a um mundo cheio de injustiças.

O campo de atuação do laicato é am-

plo. Vai desde o assumir a realidade fami-

liar e profissional com coerência cristã<sup>17</sup> e unidade entre fé e vida18, até desenvolver atividades específicas na Igreja. Como diz o Documento 54 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, nós leigos "somos chamados a assumir a nossa rica diversidade vocacional em quatro grandes campos: no campo do serviço de transformação da sociedade, no campo do diálogo religioso e da colaboração com pessoas de outras religiões ou credos, no campo do anúncio missionário de Jesus Cristo e no campo dos ministérios e serviços que servem à construção do testemunho de vida da comunidade cristã"19. Assim, podemos nos fazer presentes no mundo da educação, na tarefa de evangelizar a cultura de modo a favorecer a consolidação de uma cultura permeada pelos valores evangélicos<sup>20</sup>, no mundo da comunicação social, da política, da defesa da vida e da dignidade humana, no mundo do trabalho e no plano econômico-social. Da mesma maneira, somos convidados a participar do cresci-

<sup>12.</sup> Gaudium et Spes (GS), 1.

<sup>13.</sup> Paulo R. Hottz, mimeo, nov/93, p. 12.

<sup>14.</sup> Christifideles Laici (Cfl), 3.

<sup>15.</sup> DP, 777, 778, 789, 790, 791, 793.

<sup>16.</sup> SD, 94, 97, 254.

<sup>17.</sup> Cf. Cfl 17.

<sup>18. &</sup>quot;A síntese vital que os fiéis leigos souberem fazer entre o Evangelho e os deveres quotidianos da vida será o testemunho mais maravilhoso e convincente de que não é o medo, mas a procura

e a adesão a Cristo que são o fator determinante para que o homem viva e cresça, e para que se alcancem novas formas de viver mais conformes com a dignidade humana". Cfl 34.

<sup>19.</sup> CNBB, doc 54, n.º 306.

<sup>20. &</sup>quot;Uma evangelização séria e válida dos novos âmbitos, onde se elabora e transmite a cultura, não pode ser operada sem uma ativa colaboração com os leigos lá empenhados". VC 98.

mento do povo de Deus através de nossos serviços à comunidade cristã.

Os documentos eclesiais consideram, de maneira geral, como específico da vocação laical o trabalho junto às esferas seculares de nossa sociedade<sup>21</sup>, já que o que caracteriza a peculiaridade desta vocação na Igreja é a sua índole secular. "O Concílio considera essa sua condição não simplesmente como um dado exterior e ambiental, mas como uma realidade destinada a encontrar em Jesus Cristo a plenitude do seu significado (LG 48)"<sup>22</sup>.

Porém, dando um passo a mais na questão da especificidade do lugar do leigo na missão da Igreja, é importante se considerar o enfoque de Maria Clara Bingemer, que, em um artigo publicado em 1999<sup>23</sup>, oferece algumas reflexões acerca desta temática.

Seu ponto de partida é o Batismo, fato que marca e insere o leigo no existir cristão. Portanto, o que define o laicato é o fato de ser um batizado, como os membros dos demais segmentos da Igreja, clérigos e religiosos. As opções por este ou aquele estado de vida são posteriores ao Batismo, que representa uma verdadeira consagração, tendo por finalidade nos fazer semelhantes a Cristo, ou seja, nos fazer "outro" Cristo<sup>24</sup>. "A originalidade e o tipicamente cristão, portanto, é que to-

dos estão consagrados a Deus, e que não há nenhum cristão que tenha uma vida 'profana'. O batizado, seja qual for o carisma recebido e o ministério que exerce, foi, mediante o Batismo, incorporado a Cristo e ungido pelo Espírito e assim constituído membro pleno do povo de Deus"25.

Assim, todo membro do povo de Deus (láos théou) é portador do Espírito e, como tal, chamado a uma missão. Láos, que é a raiz grega da palavra leigo, é aplicado aqui à totalidade da Igreja, que, a partir de uma eclesiologia não "compartimentada" e total passa a se assumir como possuindo uma dimensão de laicidade decorrente de sua presença na história<sup>26</sup>.

Portanto, não apenas o leigo, que no dizer de Puebla "... se situa por vocação na Igreja e no mundo"27, mas a totalidade da Igreja é convocada a se situar nestes dois âmbitos, uma vez que "o próprio Verbo encamado quis participar da vida social dos homens... Santificou os laços sociais e, antes de mais nada, os familiares, fonte da vida social, e submeteu-se livremente às leis do seu país. Quis levar a vida de um operário do seu tempo e da sua terra"28. Com o Papa Paulo VI, portanto, podemos afirmar: "a Igreja tem uma autêntica dimensão secular, inerente à sua íntima natureza e missão, cuja raiz merqulha no mistério do Verbo encarnado e que se con-

<sup>21. &</sup>quot;Ao responder à pergunta 'quem são os fiéis leigos', o Concílio, ultrapassando anteriores interpretações prevalentemente negativas, abriu-se a uma visão decididamente positiva e manifestou o seu propósito fundamental ao afirmar a plena pertença dos fiéis leigos à Igreja e ao seu mistério e a índole peculiar da sua vocação, a qual tem como específico 'procurar o Reino de Deus tratando das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus'(LG 31)". Cfl, 9.

<sup>22.</sup> Cfl 15.

Maria Clara Bingemer, "O Leigo na Igreja: Batizado e Filho Dileto do Pai". Convergência, Nov. 99, n.º 327.

<sup>24.</sup> Cf. Rm 6, 3-11.

<sup>25.</sup> Maria Clara Bingemer, op.cit., p. 531-532.

Cf. Bruno Forte, "A Igreja, icone da Trindade", in: Maria Clara Bingemer, op. cit., p. 532.

<sup>27.</sup> Cf. DP, 787.

<sup>28.</sup> Cfl 15; cf. também, Cfl 17.

cretiza de formas diversas para os seus membros"<sup>29</sup>.

Nesta concepção se poderá falar de diversidade e multiplicidade de vocações -"certamente bem mais numerosas que as três categorias jurídicas"30, leigos, clérigos e religiosos. Por isto, se pode afirmar com João Paulo II, no documento Vita Consecrata: "Este Sínodo, realizado depois dos que foram dedicados aos leigos e aos presbíteros, completa a exposição das peculiaridades características dos vários estados de vida. que o Senhor Jesus quis (grifo meu) na sua Igreja"31. Assim, "A comunhão na Igreja não é, de fato, uniformidade, mas Dom do Espírito que passa também através da variedade dos carismas e dos estados de vida"32. Há uma "extraordinária variedade de presenças na Igreja, todas e cada uma chamadas a trabalhar para o advento do Reino de Deus segundo a diversidade de vocações e situações, carismas e ministérios. Trata-se de uma variedade ligada não só à idade, mas também à diferença de sexo e à diversidade dos dons, como iqualmente às vocações e às condições de vida; é uma variedade que torna mais viva e concreta a riqueza da Igreja"33.

Com isto, a comunidade eclesial se torna Templo do Espírito Santo (cf. ICor 3,6-17) e se reúne inspirada por Ele, a quem cabe suscitar a diversidade carismática e, ao mesmo tempo, fomentar a unidade. Portanto, é o Espírito Santo que suscita a diversidade vocacional na Igreja e a vocação laical é um de seus dons. "Todos os fiéis, em virtude da sua regeneração em Cristo, compartilham a mesma dignidade; todos são chamados à santidade; todos cooperam para a edificação do único Corpo de Cristo, cada qual segundo sua própria vocação e o Dom recebido do Espírito (cf. Rm 12,3-8). A dignidade igual entre todos os membros da Igreja é obra do Espírito, está fundada no Batismo e na Confirmação, e é corroborada pela Eucaristia. Mas é também obra do Espírito a multiplicidade de formas. É ele que faz da Igreja uma comunhão orgânica na sua diversidade de vocações, carismas e ministérios"34. Concebe-se a Igreja como corpo de Cristo (ICor 12,12-30) e se afirma um modelo eclesial mais comunitário e carismático, sendo cada fiel portador de um carisma específico e de uma missão a realizar.

## 3- PISTAS PARA A REFLEXÃO

Para construirmos um futuro que possibilite uma maior realização do potencial eclesial, temos, como Igreja, que pensar em crescer na comunhão, na unidade, na diversidade. Não somente os cristãos leigos, mas a Igreja em seu conjunto, isto é, religiosos, clérigos e leigos. Na nossa diferença, temos que assumir a espiritualidade da comunhão, como nos propõe a *Vita Consecrata*, e assumir com responsabilidade e "companheirismo criativo"<sup>35</sup>, para utilizar a expressão de

<sup>29.</sup> Acta Apostolicae Sedis, 64, in: Onofre Guilherme dos Santos Filho, "A espiritualidade do evangelizador leigo", <u>Grande Sinal</u>, Vozes, Out 2000, p. 406.

<sup>30.</sup> Maria Clara Bingemer, op. cit., p. 533.

<sup>31.</sup> Vita Consecrata (VC) 4.

<sup>32.</sup> VC 4.

<sup>33.</sup> Cfl 45.

<sup>34.</sup> VC 31.

<sup>35.</sup> Maria Clara Bingemer, op. cit., p. 536.

Maria Clara Bingemer, as possibilidades que se abrem e os riscos inerentes a este empreendimento.

Para que isto ocorra são necessários alguns elementos:

- 1. Reconhecimento e aceitação das diferenças mútuas. Somos diferentes em nosso estilo de vida, forma de orar, de participar na missão eclesial e, muitas vezes, de pensar. Nossa formação é diferente e os nossos desafios vitais são marcados pelas singularidades de nossas contexturas. Porém, nossas diferenças contribuem para o enriquecimento de todos. A diversidade é pré-condição para que o diálogo se estabeleça e os diversos dons, ministérios e carismas serão "mais úteis à Igreja e à sua missão, quanto maior for o respeito pela sua identidade" e peculiaridade de cada vocação.
- **2. Recíproca valorização.** Assim como devemos reconhecer as diferenças, devemos igualmente reconhecer o mútuo chamado à santidade<sup>37</sup>, a co-responsabilidade na missão e, muitas vezes, a vocação a um mesmo carisma. Deus, em sua riqueza, nos cumula de muitas vocações e todos têm o direito de ter o seu carisma reconhecido (ICor 12,7-11), uma vez que "todo o Dom do Espírito é concedido a fim de frutificar para o Senhor, no cresci-
- 3. A necessidade de construir novos referenciais eclesiais e espirituais. O reconhecimento das diferenças implica que se assuma que devemos construir novos modelos de santidade, de espiritua-

mento da fraternidade e da missão"38.

lidade, de concepção vocacional e de agir missionário, menos marcados por um discurso que aborda as realidades do mundo como 'profanas' e não como espaços de santificação e de experiência de Deus. Ainda muitos leigos interpretam o seguimento de Cristo a partir de um modelo marcado pelo estilo e valores da vida religiosa. Precisamos de uma nova linguagem acerca destas temáticas e nos lembrar que variadas vezes, na Bíblia, o casamento e o trabalho<sup>39</sup> são utilizados como exemplos para nos transmitir os ensinamentos divinos e para comparar o amor de Deus pela humanidade. "Não vigora, portanto, mais em nossos dias uma concepção que divide os cristãos entre os que têm ou não vocação especial, os que possuem ou não carisma próprio, os que fizeram ou não uma opção radical por Jesus Cristo. A radicalidade da opção cristã é suposta pelo fato teologal e eclesial mesmo do Batismo, que dá a todo cristão a graça imensa da filiação divina, mediante sua incorporação ao mistério crístico da morte e ressurreição"40. 4. Superação de preconceitos. Muitas vezes, religiosos e leigos se vêem de maneira inadequada: os primeiros pen-

tas vezes, religiosos e leigos se vêem de maneira inadequada: os primeiros pensando que o laicato não é capaz de assumir compromissos e pode comprometer a ortodoxia da Igreja. De sua parte, os leigos, muitas vezes, vêem nos religiosos pessoas que não são capazes de compreender sua vida, pessoas cheias de teoria a respeito do trabalho, matrimônio e educação de filhos etc, porém, sem o conhecimento vivencial destas realidades. O tempo presen-

<sup>36.</sup> VC 4.

<sup>37.</sup> Cfl 16ss.

<sup>38.</sup> VC 4.

Cf. o Cântico dos Cânticos, o livro do Profeta Oséias, as parábolas de Jesus que falam de bodas e do trabalho humano, o

Profeta Jeremias com o oleiro (Jr 18), o próprio Deus, na criação, como um oleiro, pegou o homem e o modelou a partir do barro (Gn 2, 7).

<sup>40.</sup> Maria Clara Bingemer, op. cit., p. 537.

te nos convida a uma partilha de nossas diversidades, pois quando nos complementamos, podemos crescer, nos ajudar e nos sentir co-responsáveis como Igreja na missão apostólica.

5. A descoberta de novas formas de colaboração. Os leigos e religiosos muito se enriquecerão se aprenderem a partilhar suas vidas e missão, se descobrirem que, por serem diferentes, muito se acrescentará na forma de ver e viver o carisma do instituto e o pessoal.

Um primeiro passo para a vivência de novas formas de colaboração é a superação da visão dos fiéis leigos como um "campo de missão", isto é, os leigos vistos apenas como alvo de um trabalho. De certa forma, isto não é errado, pois as diversas vocações se orientam ao serviço umas das outras<sup>41</sup>. Porém, quando esta compreensão restringe-se a uma direção única, na qual algo vem dos religiosos para os leigos, sem uma contrapartida, em que os leigos também oferecem algo para o crescimento mútuo, isto se torna problemático42. A superação desta noção implicaria no aprofundamento da Espiritualidade da Comunhão, onde os leigos também compartilham da mesma missão da Igreja e, assim, têm as mesmas responsabilidades e os mesmos direitos à formação e participação na vida eclesial. O laicato tem muito a oferecer à Vida Religiosa e muito a receber.

Os religiosos podem ser de grande ajuda para os leigos na questão da oração e da formação. Podem ajudar a criar comunidades, oferecer um espaço apostólico e missionário a partir dos campos que abriram e, através de suas experiências de uma vida estruturada ao redor de um projeto, podem auxiliar na definição de metas e finalidades na vida pessoal, espiritual, familiar, na educação de filhos e na vida eclesial. Em síntese, podem oferecer um precioso serviço no processo pessoal e comunitário de humanização de acordo com um projeto de vida cristão.

Um outro campo de contribuição dos religiosos para os cristãos leigos diz respeito à crítica à realidade em que vivem, uma vez que estando imersos nela, muitas vezes se deixam envolver e acabam tendo uma mentalidade que não é cristã, mas capitalista, hedonista, consumista e não solidária. Assumindo seus votos e se empenhando na vivência de seu carisma. os religiosos são força e sinais de esperança em meio as lutas. "Missão peculiar da vida consagrada é manter viva nos batizados a consciência dos valores fundamentais do Evangelho (...) A vida consagrada existe na Igreja precisamente para se pôr ao serviço da consagração da vida de todo o fiel, leigo ou clériqo"43.

Os cristãos leigos, podem contribuir com seu conhecimento da realidade sócio-política, da realidade do trabalho e da vida familiar; da mesma maneira, têm uma forma de lidar com o dinheiro, com os compromissos profissionais e com o tempo que podem ser enriquecedores para a vida religiosa.

Além de propiciar conhecimentos que são do ambiente secular, a colaboração mútua pode permitir um descentra-

<sup>41.</sup> VC 31; 33.

 <sup>42.</sup> É bem verdade que muitos leigos, por desconhecerem sua vocação e missão, se situam neste espaço e não são protagonistas da evangelização. Porém, exis-

tem muitos que querem sair deste lugar e se colocar como sujeitos nas suas relações intraeclesiais e diante da missão da Igreja.

<sup>43.</sup> VC 33.

mento da vida religiosa, que muitas vezes se encontra fechada em suas questões internas, gastando tempo e energia com elas, e não percebendo uma série de outros problemas que cercam nosso mundo. Isto pode gerar, em alguns casos, pessoas pouco amadurecidas em sua capacidade de dar e receber amor, uma vez que o amadurecimento se conquista no auto-conhecimento e nas relações que

estabelecemos.

Também a vida menos estruturada dos cristãos leigos pode ser enriquecedora para os religiosos, pois pode favorecer a criatividade e relações mais simples e espontâneas. Esta menor estruturação da vida exige maior convicção nos compromissos oracionais, comunitários e apostólicos e não permite que as pessoas se escondam atrás das estruturas. Isto pode ser um contributo para que as comunidades religiosas tenham características mais familiares e fraternais. Também pode contribuir para que suas celebrações sejam marcadas pela espontaneidade, partilha, alegria e festa.

Uma outra contribuição do laicato à Vida Religiosa, que a princípio pode parecer estranha, é a sua possibilidade de ser imperfeito. Explico-me: na maioria das vezes, os religiosos se impõem um modelo de perfeição muito elevado, não havendo muito espaço para a vivência dos limites, das falhas, das fraquezas e da incompletude inerente a todo ser humano. Este mode-

lo, muitas vezes, chega a excluir da vida a realização de desejos simples, confundidos com egoísmo, relaxamento do espírito de serviço, falta de vivência do voto de pobreza, etc<sup>44</sup>.

Para os leigos esta exigência é menor. Não quer dizer que eles não devam ser santos, mas ser santo não quer dizer ser perfeito no sentido de acabado, completo. Ser santo quer dizer ser perfeito na condição de ser humano, que é um ser que se caracteriza por um fazer-se e refazer-se contínuo e dinâmico. É a compreensão desta incompletude que nos permite o acesso ao amor de Deus – que nos ama como somos –, a auto-aceitação e o perdão, assim como a experiência da força divina na própria vida.

A maior contribuição do laicato à Vida Religiosa é a tradução do carisma do Instituto a partir de uma perspectiva laical e secular, com uma nova linguagem e um formato diferenciado. "... não se deve esquecer que também os consagrados recebem, do testemunho próprio das outras vocações, uma ajuda para viver integralmente a adesão ao mistério de Cristo e da Igreja, nas suas múltiplas dimensões"<sup>45</sup>, o que pode revelar facetas novas do carisma do instituto, além de permitir que o mesmo ultrapasse as fronteiras congregacionais.

Em síntese, se pode dizer que "As vocações à vida laical, ao ministério ordenado e à vida consagrada (...) estão ao

<sup>44.</sup> Isto, muitas vezes, pode criar um certo medo do contato com os fiéis leigos, uma vez que ao se aproximar deles, pode revelar a imperfeição da Vida Religiosa, das pessoas que fizeram esta opção e de suas estruturas. Por sua vez, perceber os limites da Vida Religiosa também é importan-

te para os leigos, pois revela que perfeito é somente Deus e que Ele fala mesmo nas imperfeições e através de pessoas frágeis. Daí se pode concluir que Ele fala também através dos leigos e que a humanidade é o caminho para sua manifestação.

<sup>45.</sup> VC 33.

serviço umas das outras, em ordem ao crescimento do Corpo de Cristo na história e à sua missão no mundo"46.

6. Novas formas de organização e de exercício da autoridade entre leigos, religiosos e clérigos. "O protagonismo do cristão leigo requer profundas mudancas no estilo do governo e no exercício da autoridade por parte da hierarquia, para permitir e encorajar a comunhão, a participação e a co-responsabilidade dos leigos na tomada de decisões pastorais, valorizando o voto dos conselhos pastorais e a presenca ativa dos fiéis em Sínodos e Concílios particulares, conforme está previsto por documentos oficiais da Igreja" (PRNM, 88)47. Esta co-responsabilidade pode se estender até aos Capítulos Provinciais, propiciando uma participação do laicato nas discussões a ele pertinentes, principalmente quando se tocar em questões referentes a trabalhos conjuntos e a trabalhos junto aos leigos48.

7. Investimento na formação. O necessário investimento na formação de um laicato maduro e responsável é essencial. Ao mesmo tempo, favorecer uma formação para os candidatos à vida religiosa que propicie um conhecimento da vida laical e de seus desafios e evite o desenvolvimento de atitudes paternalistas, de re-

lações baseadas na submissão e nas tomadas de decisões não dialogadas e a não consideração do leigo como sujeito e protagonista da missão da Igreja.

No tocante à formação dos cristãos leigos, o Documento da CNBB "Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas" oferece algumas pistas fundamentais:

- a) "seja programada e sistemática, não apenas ocasional;
- b) ligue o aspecto antropológico e o teológico, não sendo apenas uma reprodução empobrecida da teologia dos seminários;
- c) seja integrada e tenha como ponto de partida os problemas e perguntas dos leigos, oferecendo-lhes respostas para uma presença cristã no mundo;
- d) seja orientada predominantemente para a atuação nas transformações sociais, onde o testemunho dos leigos é especialmente qualificado;
- e) desenvolva especialmente a capacidade de comunicação e diálogo, aprimorando o relacionamento humano;
- f) seja diversificada e, nos seus métodos, tempos e conteúdos, seja adaptada à diversidade de situações e tarefas dos cristãos leigos. Especial atenção merece a formação dos cristãos que atuam no campo da vida pública e política"<sup>49</sup>.

<sup>46.</sup> VC 31. Cf. também: 54, 55 e 56.

<sup>47.</sup> CNBB, Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas, 1999, n.º 189.

<sup>48.</sup> Penso, aqui, não em uma interferência dos leigos na vida religiosa, uma vez que existem questões que não são pertinentes a eles, mas na participação em decisões que os envolvam. Por exemplo, muitos leigos que trabalham em escolas ou hospitais de religiosos e são comprometidos com a missão do instituto, podem dar uma contribuição muito rica nas discussões a respeito da organização escolar ou hospitalar. Penso também no caso dos institutos que possuem agregados a si Ordens Terceiras ou Seculares, e que almejam constituir um trabalho pastoral em conjunto com os leigos. Seria importante que no tocante ao trabalho comum, estes não fossem passivos, apenas acolhedores das decisões tomadas pelos religiosos, mas participassem do planejamento pastoral e por sua execução se responsabilizassem.
49. Id., Ibid., 187.

CONVERGÊNCIA

8. O fomento da partilha, da celebração, da festa e do estar juntos. Quando há encontros entre religiosos e leigos não apenas para trabalhar, mas para rezar e se confraternizar, isto é, para a convivência e o estar juntos, começa-se a construir o espaço que possibilitará um maior conhecimento mútuo, permitirá a superação de preconceitos, favorecerá a união e conduzirá a uma partilha da vida, das alegrias e insucessos, da busca pelo aprimoramento pessoal, comunitário e pastoral.

9. Abertura para o acompanhamento dos que se aproximam da vida religiosa. A disposição de acompanhar os leigos que se aproximam do Instituto com a finalidade de conhecer o seu carisma também é um serviço essencial e necessário. Exige paciência, disponibilidade e abertura. Para os leigos, é um serviço importante, pois os religiosos têm um sentimento de pertença a uma família religiosa e com ela se comprometem. Isto propicia uma nova consciência ao leigo acerca de sua vocação e missão.

## **CONCLUSÃO**

Os desafios são muitos para que assumamos a nossa co-responsabilidade de uma forma mais intensa. A formação de muitos leigos é precária, carecendo inclusive de informações básicas sobre questões essenciais à fé católica, como os sacramentos, Biblia, liturgia etc. Isto tem como consequência uma distância grande dos religiosos no tocante à preparação para a missão. Também isto propicia algumas confusões, como a falta de consciência de muitos acerca de sua vocação e a mentalidade clerical de outros. Alguns, inclusive, quando assumem alguma tarefa, a fazem como os donos do saber e da missão e outros, por comodismo, permanecem na passividade, sempre esperando dos clérigos ou religiosos as direções a seguir ou a indicação do que devem fazer.

Ajunte-se a isto o fato de o fiel leigo ter como lugar privilegiado de missão o seu espaço familiar e profissional. Isto faz com que, muitas vezes, ele se sinta dividido entre o seu tempo com a família (sendo que muitas vezes sua família não tem a mesma opção vocacional ou de fé que ele), seus encargos profissionais, sua necessidade de qualificação profissional, seu tempo para o lazer e sua disposição para servir nas atividades propostas pela Igreja. Isto sem falar na necessidade de recursos financeiros para se manter. Esta necessidade é real, pois, muitos têm que dedicar muito tempo de seu dia para "ganhar o pão com o suor do rosto".

Outro desafio é a separação que ainda se faz entre atividade missionária e pastoral e atividade profissional ou familiar. Todos os espaços da vida laical, inclusive o lazer, são espaços missionários, onde ele vai testemunhar, através de sua ética, seus valores, competência profissional, disponibilidade, coerência de vida, capacidade de amar e se relacionar, honestidade, interioridade, sensibilidade, solidariedade e senso de justiça, o seu compromisso com Cristo e sua luta em favor da transformação das realidades temporais, para que estas manifestem de maneira mais clara os valores evangêlicos.

O caminho é longo, mas importa começar a trilhá-lo. É uma experiência fecunda o desejo de encontro entre leigos e religiosos e a busca de compartilhar a mesma responsabilidade frente a missão e os desafios que nosso mundo nos apresenta. Certamente propiciará oportunidades de renovação da própria vida religiosa que corre o risco de ver vários Institutos desaparecer e que tem

necessidade de reorganizar suas obras e redirecionar suas prioridades<sup>50</sup>. "Antes de tudo necessitamos conservar nossa identidade carismática e expressá-la de maneira inteligível em diálogo com a realidade"<sup>51</sup>. Também os leigos podem contribuir e aprender neste momento, principalmente agora que se resgata o seu protagonismo. É um momento que produzirá frutos para toda a Igreja.

# QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU EM COMUNIDADE

- Quais os principais avanços na compreensão do lugar do leigo na Igreja que se deram nas últimas décadas, sobretudo no pós Vaticano II?
- 2. Que passos podem ser dados no sentido de incentivar uma participação e coresponsabilidade mais efetivas dos leigos nos carismas e na missão dos institutos religiosos?
- 3. Na sua província, que medidas concretas podem ser tomadas para superar os principais obstáculos à participação e à co-responsabilidade dos leigos?

Carlos Frederico Barboza de Souza - Presidente Provincial OCDS (Ordem dos Carmelitas Descalços Seculares). Agente de pastoral no Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte, Professor de Cultura Religiosa na Puc-MG, co-autor da coleção de Ensino Religioso de 1º a 4º Construindo a Vida - Ensino Religioso Integrado (editora FTD).

Endereço do autor:

Rua do Pássaro Preto, 30 - Caiçara 30750-590 - Belo Horizonte - MG Tel/fax: (31) 3415-8346

e-mail: <u>fredbarb@uol.com.br</u>

- 50. Vita Consecrata (VC), 3.
- 51. Casa Geral dos Carmelitas Descalços, Documento Consulta para o Capítulo Geral 2003, Voltar ao Essencial com Teresa de Jesus e João da Cruz para uma nova situação de nosso carisma e para desenhar nossa presença na Igreja, n.º 47.